



O MINISTÉRIO ADVENTISTA



ANO 23

MAIO-JUNHO

Nº. 3





Orações Expressivas

MUITAS vezes as nossas orações são meras repetições de frases gastas, reveladoras de pouco pensamento, ou nenhum, e faltas de poder para impressionar a mente, e muito menos ainda para impulsionar a vontade. Faz-nos bem algumas vezes o estudo das orações de outras pessoas, especialmente das que se tornaram notáveis por sua capacidade de súplica.

As orações de Pedro Marshall eram tão profundas e potentes quanto seus sermões. Assistir ao seu culto divino e ouvi-lo orar equivalia a experimentar um real senso de comunhão com o Céu. Por certo ele não tinha o conhecimento da mensagem dos últimos dias como nós o temos, mas conhecia a Deus. Conquanto suas orações nessas ocasiões fôssem espontâneas, elas sempre revelavam grande preparo da mente e do coração. A linguagem era muitas vezes invulgar, mas eram simples expressões das necessidades comuns. Ele elevava súplicas ao trono como alguém que conhecia o Pai do Céu e da Terra.

O convite que recebeu para ser capelão do Senado dos Estados Unidos pareceu natural para quantos o conheciam verdadeiramente, pois ele parecia ser grande demais para um único púlpito. Nascido na Escócia, foi para a América como imigrante, e em todo tempo se sentia chamado por Deus para o ministério. O desenlace prematuro de sua vida afigura-se-nos como uma das tragédias de nossos dias. Foi uma perda, não apenas para Washington, mas para toda a Nação. Reproduzimos porções de duas de suas orações, que bem podem encontrar eco no coração de cada obreiro de Cristo.

Uma Oração de Graças. — “Senhor, ponho-me a olhar retrospectivamente a longa estrada em que me tens guiado, nos dias negros em que fui atendido, não de acordo com os meus méritos, mas conforme aos meus desejos e às Tuas compassivas misericórdias. . . . Agradeço-Te, Senhor, que, por Tua graça, tantas das coisas que eu temia nunca aconteceram. Enche-me o coração de grato louvor. Ajuda-me a pagar em serviço em prol de outros, a minha dívida pelos imerecidos benefícios e graças que de Ti recebi. Que as lembranças das tristezas que me disciplinaram o espírito, me conservem humilde e tornem agradecido de que o meu Deus não é um Papai Noel celestial mas um divino Salvador. No nome de Jesus ofereço este sacrifício de louvor. Amém.”

Uma Oração para Atender às Dificuldades da

Vida. — “Pai, muitos de nós estão cansados, oprimos com os cuidados que a vida impõe, as pressões sob que somos forçados a viver. . . . Lembramos os temores e as ansiedades que sobre nós pairaram como uma cerração, e sabemos que nenhum filho Teu deve jamais amedrontar-se de tais espectros.

“Agradecemos-Te, nosso Pai, os momentos como este, em que podemos esquecer os sons que nos ferem os ouvidos com monotonia infundável. . . . Cria-nos no coração um lugar de sossego. Confiamos a Ti o nosso anseio de ver o que o futuro reserva. Em Ti confiamos, satisfeitos por contar unicamente com Teu amor e cuidado na hora presente.

“A Ti confiamos nossas lutas para acomodar as nossas demasiadas atividades e realizações de cada hora. . . . a Ti confiamos a nossa ganância e desmesurada ambição que nos fez tentar apossar-nos das coisas da vida com tanta rapidez. Ajuda-nos a contentar-nos com as ocupações simples dirigidas por Ti, feitas de coração e alegremente como ao Senhor. A Ti confiamos nossa impaciência com outras pessoas e com as circunstâncias. Suplicamos-Te graça, e paciência, e capacidade para confiar quando tivermos que esperar.

“E agora, ao voltarmos para as lutas da vida, possam um coração e um espírito sossegados acompanhar-nos para endireitar-nos o caminho, abrirem as portas diante de nós, aplainar-nos o caminho em toda relação humana. Em Teu nome, que és sempre o Príncipe da Paz. Amém.” — *The Prayers of Peter Marshall*, págs. 29, 37 e 38.

Princípios e Objetivos

W. E. MURRAY

SERIA muito difícil, senão impossível, descuidar na experiência do obreiro cristão o fundamento constituído dos princípios e objetivos. Sem objetivos nossa vida seria como um barco sem bússola, abandonado à mercê da corrente e das ondas. Os princípios nos servem de guia para as palavras e atitudes. Orientam-nos na vida. Muitas pessoas há que não se dão conta deste fato importante e por longos anos vacilam, vagueiam sem rumo e sem chegar ao destino desejado, simplesmente porque não prestaram a devida atenção aos princípios e objetivos.

Certo escritor de nomeada fez a seguinte declaração: “Nossos princípios constituem o móvel de nossas ações, e estas, o de nossa felicidade ou infelicidade. Portanto, nunca poderá exercer-se cuidado demasiado na formação de nossos princípios.”

Os princípios e objetivos dos obreiros cristãos estão relacionados com sua vida, na mesma forma em que os alicerces de um edifício, com a sua estrutura. Não existe uma pessoa tão néscia que edifique uma casa sem alicerces, pois são eles que sustentam a casa e dão firmeza à construção. Lembramos, todos, o caso da casa edificada sobre a areia, mencionado nas Escrituras, e da que o foi sobre a rocha.

Os objetivos e princípios são bons não apenas para os tempos normais, mas são de valor espe-

(Continua na página 24)

O MINISTÉRIO ADVENTISTA



Órgão publicado bimestralmente pela
 Associação Ministerial da Igreja Adventista do
 Sétimo Dia
 Editado pela
 Casa Publicadora Brasileira
 Santo André, São Paulo
 Gerente — Bernardo E. Schuenemann
 Redator responsável — Luiz Waldvogel
 Redator associado — Rafael de A. Butler
 Colaborador especial:
 Walter E. Murray

NOSSA CAPA

A mocidade adventista, num Congresso de Jovens, em São Paulo, erguendo bem alto a tocha da Verdade, manifesta a determinação de partilhar a fé.



ANO 23 Nº. 3

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

- Orações Expressivas 2
- Princípios e Objetivos 2

ILUSTRAÇÕES

- A Palavra do Imperador 3
- “Nenhum Outro Nome” 3

ARTIGOS GERAIS

- Os Grupos Religiosos em Relação com Nosso Evangelismo — Parte I 4
- Fidelidade na Terminação da Obra 6

OBRA PASTORAL

- Que Fazes Tu Aqui? 10
- A Base Escriturística para a Filosofia Adventista do Cuidado Pastoral — Parte I 12

EVANGELISMO

- O Pastor como Líder do Evangelismo Leigo 15

CONSELHO DO ESPÍRITO DE PROFECIA

- A Natureza de Cristo Durante a Encarnação 17

NOTAS E NOTÍCIAS 24

ILUSTRAÇÕES

A Palavra do Imperador

CERTA vez o cavalo do Imperador Napoleão retrocedeu, empinou e ameaçou avançar. Estando para desandar em disparada, um soldado, percebendo o perigo, avançou e, segurando as rédeas bem curtas conseguiu dominar o animal. O Imperador demonstrou seu sincero aprêço por meio de uma continência a que ajuntou as palavras: “Obrigado, capitão.”

Com rápida resposta, o soldado correspondeu à continência, e perguntou com simplicidade: “De que Batalhão?”

Altamente lisonjeado com a ampla fé e sinceridade do soldado, o Imperador tornou a prestar-lhe continência, dizendo: “Da minha guarda pessoal.”

O então capitão deu de rédeas ao cavalo e, então voltando para a formação da Guarda Imperial, disse, com uma continência: “Vosso capitão!”

Retribuindo a continência, o oficial comandante perguntou: “Por ordem de quem?”

Apontando para o Imperador, respondeu o capitão: “A sua,” e o caso ficou encerrado. Tòda a transação girou em tórno da fé na palavra de um homem. Que mudanças se operaram, porém!

Seleto.

“Nenhum Outro Nome”

UMAS quantas pessoas rodeavam um cego que se acomodara no seu lugar costumeiro, numa ponte de certa cidade. Lia êle ali em voz alta a sua Bíblia escrita em caracteres Braille. Um senhor que ia para casa, movido de curiosidade, acercou-se do grupo de gente. Justamente nesse momento estava o cego lendo Atos 4:12 e perdeu-se na leitura. Enquanto, com a ponta dos dedos, buscava o lugar certo, repetia constantemente a última sentença do que havia já lido: “Nenhum outro nome, nenhum outro nome...” Alguém riu da sua atrapalhão, mas o homem que estava atrás de todos pôs-se a andar, profundamente pensativo. Andava êle com a consciência a acusá-lo de pecado. De muitas maneiras buscara alcançar paz. Práticas religiosas, boas resoluções e mudança de hábitos não o haviam levado a rejubilar-se em Deus. Soavamente no ouvido as palavras: Nenhum outro nome... nenhum outro nome! Por fim vibraram-lhe as cordas do coração. “Achei,” pensou êle. “Tenho andado em busca de paz por meus próprios esforços, minha reforma, minhas orações. Mas, Jesus, unicamente, me pode salvar. Meu Senhor, eu Vos recebo como meu Salvador!” Naquele instante o rego-sijo da salvação inundou-lhe a alma. — *Illustrations for Preachers and Speakers*, de Keith L. Brooks.

ARTIGOS GERAIS

Os Grupos Religiosos em Relação com Nosso Evangelismo

PARTE I

HOJE em dia há um sempre crescente interesse nas religiões. Não está restrito a alguns pontos de vista, pois tôda tendência é para aprender o que outros grupos crêem e praticam. Incidentalmente, é muito impopular pensar contrariamente a um grupo. As críticas não documentadas sôbre heresia, e o criticismo malicioso de novatos na história da igreja e na sua prática, não são próprios em nossos tempos. Se nossa denominação sempre pode ir a extensão tôda dêste novo caminho nas relações humanas, é outro assunto. Conselho especial nos vem, todavia, para tentarmos concordar com outros pensadores religiosos, tanto quanto seja possível, sem sacrificarmos princípios. Se estas atitudes sujeitas à tensão, hoje em dia, podem ser consideradas uma conseqüência da guerra, com sua paixão de aprender a viver pacificamente como cristãos, pode requerer mais tempo para se descobrir. Muito se fala em apresentar o Príncipe da Paz, e neste ponto os adventistas estão sem dúvida na vanguarda.

Somos levados a maravilhar-nos às vêzes de como os mais firmes, e podemos acrescentar bondosamente, os mais requintados cristãos, reconhecem o valor do rude individualismo constante nos grupos que há um década ou duas se tornaram o alvo de críticas sem procedência e algumas vêzes sarcásticas. Admitindo que teria sido ocasião própria para examinar alguns dos caminhos estranhos daqueles que estavam sendo visados, temos feito progresso na prática da boa fé e tolerância de uns para com os outros, um princípio, na verdade, do Príncipe da Paz. A prática da tolerância pode ser resultado da educação; é mais o fruto do Espírito. A verdade pode suportar investigação; embora esmagada por terra, erguer-se-á novamente. Não é mera coincidência que justamente em nossos dias a pá da história e da arqueologia sejam os melhores defensores da verdade eterna. Nosso ministério adventista fará bem em manter-se informado quanto à arqueologia. Sempre temos apreciado a história, e a Bíblia, certamente, é a nossa maior ferramenta.

Necessário é que nosso ministério seja sábio nas doutrinas que nos põem à parte das outras corporações religiosas, e igualmente importante é que nos informemos dos ensinamentos, práticas e trabalho de outras denominações. A Associação Ministerial, por essa razão, incluiu no Clube do Livro de 1956 um livro de grande mérito. *A Guide to the Religions of America* é uma recente compilação da célebre série da revista *Look*, editada por Leo Rosten. Suas dezenove apresentações sôbre as principais crenças, com um suplemento de 105 páginas de

novos fatos e figuras sôbre religião, são autênticas até ao presente. Todo obreiro evangelista, professor e médico, desejará possuir êsse manual. Muitos que têm almejado para nosso Seminário Teológico uma classe de apologética em avangelismo, apreciarão essa informação. Verdaderamente ela traz apenas uma pequena fração do que uma tal classe provê, mas estimulará o apetite para mais. Confiamos em que êsse livro será bem recebido e constantemente usado no futuro.

Para tornar mais prático o estudo de *A Guide to Religions*, foi-nos pedido dar algumas orientações para enfrentarmos êstes diferentes grupos religiosos em nosso evangelismo. Com isto começamos uma breve série de considerações sôbre alguns dos problemas correntes envolvidos. Pelo menos será um guia para pessoalmente descobriremos nossos pontos de contato.

Começando com uma geral declaração sôbre o Protestantismo notamos o que aquêles atilados observadores têm a dizer.

Protestantes em Geral

O Protestantismo parece estar cômico de ter perdido seu protesto. Vários escritores indicam uma compreensão moderna do termo "Protestante". A idéia não é a de opor-se, mas de declarar a fé e dela dar testemunho de um modo construtivo. Podemos observar o que o Dr. Henry P. Van Dusen considera serem os pontos de apoio de todos os protestantes:

"Fé em Jesus Cristo como Senhor e Salvador;

"A Bíblia como a fonte primária do que é verdadeiro e direito;

"O amor de Deus por todo ser humano;

"Direta e constante comunhão entre Deus e cada crente;

"O perdão de Deus em resposta a tôda penitência e fé do crente;

"A igreja como a comunidade dos seguidores de Cristo;

"A responsabilidade de todo cristão por sua fé e vida (o 'sacerdócio de todos os crentes');

"O dever de conhecer e fazer a vontade de Deus no trabalho diário (a 'divina significação de todo "chamado"');

"A obrigação de promover o avançamento do Reino de Deus na Terra;

"Vida eterna com Deus na 'comunhão dos santos'."

Nesse registro, ao menos, dificilmente descobrimos na declaração de procurar o "avançamento do Reino de Deus," o espírito agressivo dos dias da Reforma. Nem poderia um obreiro adventista aco-

modar-se a essa espécie de evangelismo. Nossa maior pergunta é se pregar o anticristo como a profecia o revela, seria conducente à unidade mundial como o Protestantismo a vê hoje. A mensagem da volta iminente de Cristo, se não está completamente ausente, falta-lhe positividade. Ao mesmo tempo, Roma está dando seus passos largos e espera ser ouvida. Os adventistas, contudo, não podem permanecer indiferentes a êsse estado de coisas, pois a nós nos foi comissionada uma mensagem de advertência. Nós ousamos estar procurando um programa em concordância com o Catolicismo; temos que expor a conjuração de Satanás na moderna Babilônia; temos que reftar todo o Protestantismo a completar a Reforma interrompida do século XVI. Esta seria a nossa aproximação.

O estudo da história da igreja torna o obreiro cômico das grandes decisões tomadas nos importantes concílios eclesásticos, como, por exemplo, os de Nicéia e Trento. Descendo na corrente do tempo aprendemos o fato de que mesmo a grande Reforma não podia abranger todos os problemas que acumulados, suscitaram controvérsias naquele tempo. Também podemos sugerir no tocante ao parecer dividido, a necessidade da realização do Sínodo de Dort, em 1618, um século depois de Lutero. A ocasião se tornou campo de batalha para a velhíssima discussão dos *decretos divinos* da predestinação, então acentuada no Calvinismo e combatida por Armênio e seus seguidores. Mas o Armenianismo da controvérsia de Dort ainda carecia de aperfeiçoamento e expansão. À luz da nossa mensagem da hora do juízo, e com uma mais profunda compreensão do propósito de Deus no sacrifício de Cristo, a perpetuidade da lei de Deus cobra maior significação. O pecador se torna um rebelde contra Seu governo, e Deus tem que ser ainda vingado. Um estudo do que chamamos a verdade do santuário lança luz sobre a destruição de Satanás e de todos os seus seguidores. Nestas conclusões o Adventismo difere bastante de nossos irmãos evan-

gêlicos. Hoje, porém divergir pode ser considerado também um sinal de poder. Esperamos fazer isso e ainda manter uma compreensão amigável com os Protestantes em geral.

Calvinismo

Para enfrentar grupos calvinistas devemos tornar-nos versados nas afirmações que o Dr. John Sutherland Bonnell, Presbiteriano, faz em *A Guide to Religions*, página 107. Reconhecemos que esta é uma interpretação modificada da predestinação dos dias de Calvino, como o declarou em seus *Preceitos*. Até hoje ainda há adeptos da "velha escola", mas temos que tomar em conta que o Dr. Bonnell fala ao seu grupo com autoridade. Também há grupos religiosos dificilmente classificados como Calvinistas que são definitivamente o tipo da "velha escola". Também vários cultos insistem num Calvinismo bastante deturpado.

A mente humana não pode realmente apreender todos os mistérios de Deus. Mas o Adventismo, através das figuras do santuário e especialmente a significação do Dia da Expição, vê, a prefiguração do aniquilamento do pecado. O ensino do propósito eterno de Deus em Cristo nosso Redentor é fundamental. Esta doutrina revela o caráter de Deus e Sua divina presciência. O homem como indivíduo não está circunscrito por *decretos*; é uma criatura consciente que pode exercer sua escolha a fim de ser salvo. O Adventismo declara a divindade eterna de Cristo e ansiosamente espera Sua vinda para dar fim ao pecado. Esta é a maneira de encarmos a nossa mensagem quando preparamos homens em tôda a parte para êste grande evento. A bela verdade da ressurreição com sua bem definida posição na presente imortalidade condicional do homem está incluída em nossa mensagem.

— L. C. K.

(Continua no próximo mês).

Em Busca da Sabedoria

"A SABEDORIA não é encontrada com a esquadrinhação dos segredos da terra nem consumindo-nos em vão esforços por penetrar os mistérios da pessoa de Deus. Encontramo-la, porém, recebendo humildemente a revelação que Êle Se dignou dar-nos, e conformando a vida com a Sua vontade.

"Os homens da mais alta inteligência não podem entender os mistérios de Deus, revelados na Natureza. A inspiração divina faz muitas perguntas a que os sábios mais profundos não podem responder. Estas perguntas não foram feitas para que a elas respondêssemos, mas para que nos chamassem a atenção para os profundos mistérios de Deus, e ensinam-nos que nossa sabedoria é limitada; que na esfera em que nos movemos na vida cotidiana há muitas coisas que superam a inteligência de seres finitos." — *Sanidad Moral y Física*, pág. 463.

Fidelidade na Terminação da Obra

V. T. ARMSTRONG

Secretário da Associação Geral

MEU texto encontra-se em Apocalipse 17:14: "Estes combaterão contra o Cordeiro, e o Cordeiro os vencerá, porque é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis; vencerão os que estão com Ele, chamados, e eleitos, e fiéis."

Enquanto multidões na maior parte dos países da Terra meditam no que uma terceira guerra mundial significaria para a moderna civilização, e os estadistas das nações apressam-se de um concílio para outro num esforço para estabilizar os negócios do Estado e tirar ordem da confusão, nós, como obreiros na Causa de Deus precisamos lembrar-nos de que a última grande batalha entre o bem e o mal está quase finda. O dragão empenhou-se em guerra ao remanescente da igreja há já mais de um século. Se os anjos não estivessem retendo os ventos da luta, já teríamos sido lançados na terceira guerra mundial. Deus lhes ordenou que retenham os ventos até que tenhamos completado a tarefa.

Vemos e escutamos os sinais que se cumprem em tôrno de nós. De fato, em muitos lugares nosso povo não somente está vendo, mas sentindo o cumprimento da profecia. Sem dúvida estamos nos aproximando das cenas finais dos últimos dias do conflito. Os acontecimentos do presente testificam que a Terra está envelhecendo e esgotando-se o tempo. Não existe em nossa mente dúvida alguma quanto ao cumprimento da profecia. Nosso passo é uma declaração clara do grande acontecimento: "O Cordeiro os vencerá."

Que bem nos faz o têrmos no coração esta certeza, ao imprimirmos pressa em nosso trabalho entre as terríveis condições do tempo presente! Muitas coisas há no mundo hodierno tendentes a roubar-nos esta certeza. Praza a Deus que nada nunca nos prive dessa confiança na vitória. Como obreiros na Causa de Deus queremos lembrar-nos diariamente de que somos coobreiros de Deus. Seremos bem sucedidos neste grande conflito, não por motivo de nossa sabedoria ou recursos, não em virtude de nossos planos ou resoluções, mas porque esta é a obra de Deus e Ele é o Rei dos reis e Senhor dos senhores. Venceremos porque somos coobreiros de Deus.

Tôda providência foi já tomada para assegurar-nos o pleno êxito nesta luta. Nunca leio esta jóia no livro *Atos dos Apóstolos*, pág. 29, sem emoção do espírito e palpitação de coração:

"Cristo não disse a Seus discípulos que sua obra seria fácil. Mostrou-lhes a vasta confederação do mal arregimentada contra eles. Teriam de lutar 'contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas dêste século, contra as hostes espirituais da maldade nos lugares celestiais.' Mas não seriam deixados a lutar sôzinhos. Assegurou-lhes que estaria com eles; e se avançassem com fé, seriam escudados pelo Onipotente. Ordenou-lhes que fôsem valorosos e fortes; pois Alguém mais poderoso que os anjos — O General das hostes celestiais — estaria em suas fileiras. Ele to-

mou completas providências para a prossecução de sua obra, e assumiu a responsabilidade de seu êxito. Enquanto Lhe obedecessem a palavra e trabalhassem em harmonia com Ele, não fracassariam. Ide por tôdas as nações, ordenou Ele. Ide às mais distantes partes do mundo habitado, e estai certos de que Minha presença estará convosco mesmo ali. Trabalhai com fé e confiança; pois em tempo algum vos deixarei. Estarei sempre convosco, ajudando-vos a executar vossas tarefas, guiando-vos, confortando-vos, santificando-vos e vos sustendo, dando-vos sucesso, quando falardes, de maneira que vossas palavras atrairão a atenção dos ourtos para o Céu."

Não não, somos deixados a lutar sós. Podemos olhar retrospectivamente às experiências dêste movimento e enumerar as muitas vêzes em que êle teria sido derrotado se Deus não houvesse intervido com Seu extraordinário poder. Podemos saber, de nossa experiência pessoal, que só ao virnos ajuda das côrtes divinas podemos ser capazes de realizar alguma coisa para Deus.

Nossa obra tem crescido em grandes proporções e avançado de vitória em vitória. Temos uma obra amplamente disseminada com mais problemas e maiores responsabilidades.

Alguns anos faz, recebi uma mensagem num cartão postal de um amigo, ministro de outra denominação. Foi quando tôdas as missões no Japão estavam tendo problemas.

Sim, cremos que nos estamos aproximando dos dias finais da obra de Deus e que a vitória está garantida. Ele é o Rei dos reis e Senhor dos senhores. Tomou tôdas as providências para o êxito da obra e assegura-nos de que podemos estar confiantes na vitória, contanto que com Ele avancemos pela fé.

Teremos Parte na Vitória?

O que me preocupa agora não é o resultado da luta; mas se teremos ou não participação na vitória. Não esqueçamos jamais que é possível ser membro da igreja, obreiro na causa de Deus, membro da Comissão da Associação Geral, ou obreiro do escritório da sede da obra, e mesmo assim perder o gôzo da vitória final quando a luta terminar. Lembramos os obreiros que abandonaram a luta e não mais estão conosco. Durante algum tempo marcharam com êste povo. Eram pessoas promissoras mas, em algum momento da luta abandonaram-na. Nós não somos mais atilados do que o foram eles. Não possuímos mais dotes pessoais do que eles tinham. Talvez não amemos mais a obra do que a amaram eles. Mas alguma coisa os levou a tropeçar, e perderam-se no caminho. Precisamos andar vigilantes e alerta, porque o diabo anda em nosso derredor, bramando como leão, e, se possível, enganará até os escolhidos.

Reza o passo: "Os que estão com Ele [os que permanecerem ao Seu lado e participarem da vi-

tória], chamados, e eleitos, e fiéis.” O chamado divino está soando em todo o mundo hoje. Nalgum tempo e em alguma parte, você e eu atendemos a este chamado. Pode haver sido em torno do altar da família, num lar cristão ou ao lermos um livro, folheto ou revista, ou escutando um sermão ou frequentando um culto evangélico numa de nossas igrejas. Em alguma parte ouvimos o chamado e aceitamo-lo; por isso aqui estamos. Se o chamado não houvesse soado, estaríamos agora noutra parte. Alegro-me de que tenhamos escutado o chamado e atendido. Precisamos lembrar que cada convite feito aos pecadores para postarem-se ao lado de Jesus Cristo no grande conflito exigiu sacrifício.

Nosso Pai teve que sacrificar-Se, dando Seu Filho. Nosso Salvador fez o sacrifício de dar a própria vida. Sem esse sacrifício incalculável, o convite da salvação poderia nunca haver sido feito. É-nos preciso pensar continuamente no preço pago nas côrtes celestes por nossa salvação. O inimigo das almas ficou cheio de assombro ao ver o sacrifício voluntário em prol do homem. Notai estas palavras do livro *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 81:

“Satanás bem sabia a posição ocupada por Cristo no Céu, como o Amado do Pai. Que o Filho de Deus viesse à Terra como homem, encheu-o de assombro e apreensão. Não podia penetrar o mistério desse grande sacrifício. Sua alma egoísta não compreendia tal amor pela iludida raça. A glória e a paz do Céu, e a alegria da comunhão com Deus, não eram senão fracamente percebidas pelos homens; mas bem as conhecia Lúcifer.”

Melhor compreenderemos e mais amplamente apreciaremos o preço pago por nossa salvação se formos seguidamente ao jardim onde Ele passou Sua última noite de agonia:

“O tremendo momento chegara — aquêl momento que decidira o destino do mundo. Na balança oscilava a sorte da humanidade. Cristo ainda podia, mesmo então, recusar beber o cálice reservado ao homem culpado. Ainda não era demasiado tarde. Poderia enxugar da fronte o suor de sangue, e deixar perecer o homem em sua iniquidade. Poderia dizer: Receba o pecador o castigo de seu pecado, e Eu voltarei a Meu Pai. Beberá o Filho de Deus o amargo cálice da humilhação e da agonia? Sofrerá o Inocente as conseqüências da maldição do pecado, para salvar o criminoso? Trêmulas caem as palavras dos pálidos lábios de Jesus: ‘Pai Meu, se este cálice não pode passar de Mim sem Eu o beber, faça-se a Tua vontade.’”

“Três vèzes proferiu essa oração. Três vèzes recuou Sua humanidade do derradeiro, supremo sacrifício. Surge, porém, então, a história da raça humana diante do Redentor do mundo. Vê que os transgressores da lei, se deixados a si mesmos, têm de perecer. Vê o desamparo do homem. Vê o poder do pecado. As misérias e os ais do mundo condenado erguem-se ante Ele. Contempla-lhe a sorte iminente e decide-Se. Salvará o homem custe o que custar de Sua parte.” — *Idem*, pág. 517.

Sim, um supremo sacrifício foi feito para que o convite da salvação fôsse transmitido ao mundo. Esse sacrifício foi feito por nós. Era o nosso destino que pesava na balança. Quanto mais meditarmos no sacrifício feito por nós, mais úteis seremos na causa de Deus; mais poder teremos na salvação

dos pecadores ao transmitirmos-lhes o convite da salvação.

Talvez o nosso maior perigo como obreiros na causa de Deus hoje, seja o de, na pressa da nossa ocupação, não passarmos o tempo que devêramos passar ao pé da cruz, contemplando o inigualável sacrifício feito em nosso favor.

“Far-nos-ia bem passar diariamente uma hora a refletir sobre a vida de Jesus. Deveremos tomá-la ponto por ponto, e deixar que a imaginação se apodere de cada cena, especialmente das finais. Ao meditar assim em Seu grande sacrifício por nós, nossa confiança nEle será mais constante, nosso amor vivificado, e seremos mais profundamente imbuídos de Seu espírito. Se nos queremos salvar afinal, teremos de aprender a lição de arrependimento e humilhação ao pé da cruz.” — *Idem*, pág. 58.

Não quero embaraçar ninguém hoje; nem a mim próprio; mas a citação diz que bem fariamos em passar uma hora diária ao pé da cruz. Quantos de nós passam só que sejam cinco minutos, com a pressa com que nos havemos em nosso trabalho? Não obstante, somente ao pé da cruz é que aprendemos a verdadeira penitência e humilhação. Alegremo-nos por haver atendido ao convite, mas não esqueçamos o sacrifício exigido para que o convite vos atingisse a vós e me atingisse a mim. Nossa tarefa é fazer com que esse convite atinja outros mais. Toda alma deve ouvir o convite; mas sê-lo-á por meio de sacrifício. Alguém se sacrificou para que vós recebésses o convite.

Pego da Bíblia. Quanto amamos este livro! Houve homens que se sacrificaram para que eu pudesse possuí-la. Pensai em todos os sacrifícios feitos em tôdas as épocas pelas personagens historiadas neste livro! Todos fizeram sacrifícios para que dispuséssemos do Registo Sagrado que nos ajuda hoje. Pensai nos homens que trabalharam arduamente para traduzir o Livro. Pensai nas pessoas que se tornaram mártires para que a Bíblia fôsse escrita e transmitida até nós hoje. Agora, por uma insignificância em dinheiro podemos dispor deste dom inapreciável. Gosto de ler a Bíblia, e ao meditar nos sacrifícios feitos para que eu viesse a possuir este precioso volume, valorizo-o ainda mais.

Aprecio imensamente os escritos do Espírito de Profecia. De que ajuda são eles! Aprecio-os mais ainda ao meditar no sacrifício feito para que fôssem escritos e entregues à igreja hoje.

Um Converso para Relatar

Um ministro veio ao nosso distrito, em Montana, e passou o Inverno realizando uma série de conferências, dando estudos e visitando as casas. Ao terminar ele o seu trabalho eu imagino se a Comissão da Associação terá pensado se seu trabalho foi proveitoso ou não. Depois de tudo terminado havia só um converso — um único. Alguém entregara o dízimo para sustentar o ministro todos aquêles meses e pagar-lhe as despesas. Ele mesmo suportara bravamente os rigores do Inverno; e trabalhara bastante. Suportou o ridículo, e tudo fez para que uma pessoa aceitasse o convite. Não sei como a Comissão encarou o seu trabalho, mas para mim, foi o esforço de maior êxito já feito. Minha mãe foi aquela pessoa convertida. Sua aceitação da mensagem trouxe-lhe uma tormenta de perseguição. Mamãe sofreu grandíssimas provas. Foi isso o que

lhe custou a ela o transmitir-me a mim o convite. A única maneira que eu tenho de saldar essa dívida está em transmitir a outros o convite.

Ao ser-nos transmitido o convite para trabalhar num campo missionário, mamãe estava inválida numa cadeira de rodas. Mas disse: "Por minha causa não deixes de aceitar." Aceitamos o chamado. Quando voltámos a casa, nas nossas primeiras férias, mamãe estava fraca e precisava de auxílio. Um dia eu lhe disse: "Mamãe, talvez eu devesse não voltar para a Missão, mas ficar em casa para cuidar da senhora." Nunca esquecerei o olhar que ela me lançou nem as palavras que proferiu: "Filho, prometi a Deus que se Ele te fizesse participante da mensagem, eu não mais teria direito sobre ti, mas dedicar-te-ia à obra de Deus. Agora, se a tua presença é necessária no outro lado do mundo, vai. Ser-me-ia um grande desgosto se tivesses que ficar em casa por minha causa." Despedimo-nos e parti. Mamãe morreu antes de tornarmos a voltar para casa; mas a sua mensagem de despedida ainda me está viva no coração. Sua última carta está entre as suas lembranças mais preciosas. Essa última mensagem não pedia que eu voltasse, nem que não trabalhasse demais ou que cuidasse de mim. Não. Mamãe cria num trabalho terminado, vitorioso e insistia em que eu fizesse todo o esforço para terminar a tarefa. Louvado seja Deus pelas mães dessa espécie!

Sim, houve um sacrifício feito por toda alma salva no Reino. Esses sacrifícios se estendem por todo o caminho, desde o Céu até aos confins da Terra, e muito nos alegramos de que não o sejam em vão. Milhares de pessoas em todo o mundo atendem ao convite e aceitam-no. Os que haverão de estar com Cristo naquele dia de vitória são chamados e escolhidos, e não importa a que preço nem a que sacrifício, haverá uma grande multidão de todas as nações da Terra que com Ele estarão naquele dia da vitória.

É-nos dito que o mesmo espírito de sacrifício manifestado nos começos da obra, é necessitado em seus dias finais. Estou certo de que todos quereis ver a obra terminada com rapidez. Queremos ver maiores realizações. Notai as palavras de *Test. Sel.*, [Edição Mundial], Vol. III, pág. 52: "Se, porém, a mesma diligência e abnegação fôsem manifestas na fase atual da obra, como o foi no seu início, realizaríamos cem vezes mais do que agora fazemos."

Não considero que o espírito de sacrifício esteja extinguindo-se na igreja. Mas tampouco creio que uma porcentagem elevada de nosso povo esteja realmente sacrificando-se hoje, como o fez no começo da obra. Anseio pelo dia em que haveremos de ter o mesmo espírito de sacrifício e diligência manifestado no começo da obra. A realização de cem vezes mais significará a breve terminação da obra. Significará mais obreiros, mais reuniões evangélicas, mais literatura, mais missionários em campos estrangeiros, e estou certo de que a tesouraria anunciará que as dotações seriam aumentadas grandemente. É uma declaração que equivale a um repto.

Como líderes na causa nestes dias agitados precisamos levá-la a peito e ver o que mais podemos fazer para torná-la uma realidade viva em nossa própria vida e na de nosso povo. Muito mais há que poderíamos considerar em nosso texto, mas não

devemos desprezar a sua última palavra. Deus pode chamar-nos e escolher-nos, mas para que nos seja concedido estar com Cristo naquele dia, devemos mostrar-nos "fiéis". A palavra "fiéis" significa muito. Significa ser constante. Significa que seremos verdadeiros, leais, dignos de confiança, honestos. Estes atributos terão que fazer parte de nosso caráter, se quisermos estar com Cristo no dia da vitória. Somos nós constantes em nossa experiência cristã? Somos sempre dignos de confiança? Em tempo de crise somos nós leais? Apegamo-nos sempre ao direito? Somos homens e mulheres honestos, ou acomodamos as coisas para atender à nossa conveniência pessoal?

Fidelidade e Infidelidade

Ao pensar na palavra "fiel" vem-me à mente a pessoa do pastor Chey, que conheci na Coreia. Quando os missionários abandonavam a Coreia, antes da Segunda Grande Guerra, ele foi convidado para presidir à União Coreana. Na manhã em que saí de Seul, depois de ele haver sido indicado para o cargo, apertei-lhe a mão e manifestei-lhe o meu pensamento de que talvez antes de rever-nos teríamos que passar por problemas sérios. Pedi ao pastor Chey que fizesse o melhor e fôsse fiel. Com lágrimas a deslizarem-lhe pela face, disse: "Acho que a guerra virá e que teremos tempos difíceis. A igreja certamente sofrerá perseguição. Talvez alguns dos obreiros irão para a prisão. Talvez teremos que dar a vida por esta mensagem. Prometo-lhe, porém, que permanecerei fiel."

Ao voltar eu à Coreia, depois da guerra, perguntei pelo pastor Chey. Foi-me mostrada a sua sepultura e dito que sofrera perseguição; mas não traira a fé. Foi castigado severamente de muitas maneiras. Certo dia foram ter com ele e disseram-lhe: "Sr. Chey, se o senhor assinar este papel, nós lhe concederemos liberdade e o senhor poderá voltar para casa. Tão somente assinete esta declaração de que renuncia ao cristianismo, permaneça leal cidadão japonês e membro da religião budista, e terá ampla liberdade."

O pastor Chey respondeu: "Não. Não posso negar a minha religião. Não posso assinar esse papel." Foi então de novo castigado, e poucas horas antes de morrer, levado para casa para morrer ali. O pastor Chey morreu como mártir desta mensagem e da causa de Deus. Naquela hora de prova ele se mostrou fiel.

Desejo citar uns poucos homens que foram exemplos de fidelidade. Ao considerarmos a sua infidelidade, podemos guardar-nos do seu perigo em nossa vida. As mesmas causas produzem efeitos idênticos. O que levou o primeiro rei de Israel ao fracasso também nos fará fracassar se não o evitarmos. Saul apresentava grande esperança de êxito ao iniciar a sua obra, mas bem cedo no seu reinado lhe veio o fracasso. Saul foi chamado e escolhido, mas não foi fiel ao seu cometimento.

"Se Saul tivesse satisfeito as condições sob as quais fôra prometido auxílio divino, o Senhor teria operado um maravilhoso livramento para Israel, com os poucos que eram fiéis ao rei. Mas Saul estava tão satisfeito consigo mesmo e com a sua obra, que saiu ao encontro do profeta como alguém que devesse ser elogiado em vez de reprovado." — *Patriarcas e Profetas*, pág. 689.

Diz a citação que Saul estava satisfeito consigo

mesmo e com a sua obra. Sentia que devia ser elogiado pelo que fizera. Mas Deus não teve para êle palavras de elogio. Ao profeta foi dada outra espécie de mensagem — a de severa repreensão. Como é conosco? Estamos nós satisfeitos conosco mesmos? Sumariamos nós nossas realizações e nos gloriamos delas?

Agrada-nos sempre ouvir bons relatórios de aumento de membros, de mais fundos recolhidos, mais notícias favoráveis na imprensa, construções e mobiliário maiores, mais amplos e custosos. Muitas coisas há que poderíamos mencionar de que os homens se orgulham, e que poderiam agradar-nos e tornar-nos satisfeitos conosco mesmos e com nossas realizações. O que nos deveria preocupar hoje é: Agradam a Deus o meu procedimento e a minha obra? Como considera Êle as minhas realizações?

Há no Apocalipse outro passo que descreve o estado de muitos: "Não sabes que és um desgraçado, e miserável, e pobre, e cego, e nu." Olhemos para o que estamos fazendo e comparemo-lo com o que deve ser feito — o que Deus nos manda que façamos. Vêde as oportunidades presentes; ouvi os chamados que continuamente nos soam aos ouvidos; vêde as regiões escuras da Divisão Norteamericana; escutai os apelos vindos de tôdas as terras missionárias.

Estamos nós Satisfeitos com Nossas Realizações?

Não faz muito estava eu numa reunião de Comissão, quando tivemos que demitir obreiros por faltarem-nos os recursos e termos que equilibrar o orçamento. Milhares de pessoas estavam freqüentando as classe batismais, necessitavam de orientação e instrução, e não havia obreiros em número suficiente para cuidar delas. Não obstante, em face da situação, alguns obreiros tiveram que ser despachados. Isso me humilhou muito. Eu não estava satisfeito e me perguntava por que devia prevalecer essa situação. Onde estamos nós fracasando no grande plano divino? Por que temos que perder as oportunidades de ganhar multidões e prepará-las para o Reino?

Quero dizer-vos, prezados coobreiros, que eu não estava satisfeito com o que fôra feito nem com o que se estava fazendo no grande plano de Deus. Acho que devemos preocupar-nos com que muito mais seja feito. Saul fracassou por sentir-se satisfeito consigo mesmo e com a sua obra. Há perigo em que nos sintamos satisfeitos com o que estamos fazendo e não empreendamos maiores realizações. Observai as normas estipuladas por Deus para a igreja remanescente, e vêde quão abaixo dessas normas, estabelecidas por Deus, estamos nós hoje, e não ficaremos satisfeitos — não podemos estar satisfeitos — com o que fizemos como líderes na causa de Deus. A satisfação própria levou Saul à ruína final. Precisamos guardar-nos contra ela, para que nossa sorte não venha a ser a ruína, também.

Se o profeta viesse ter conosco hoje e nos transmitisse o pensamento e a vontade de Deus, ser-nos-ia um elogio ou uma repreensão severa, como no caso de Saul? Meditai nisso quanto à vossa experiência e no serviço que prestai a Deus. Se formos verdadeiramente fiéis, com a ajuda divina, progrediremos em todo sentido e faremos, à maneira divina, o trabalho que nos fôr confiado. Nossa oração será: "Seja feita a Tua vontade." Quanto

a Saul, porém, lemos que foi a sua vontade, e não a de Deus, que o pôs em dificuldade. Fazemos hoje a vontade de Deus, ou a nossa?

Balaão foi outro homem que começou bem. Êle foi num tempo homem bom. Foi chamado para ser profeta de Deus. Mas, perdeu a vida — encontrou a morte entre os inimigos do povo de Deus. Da sua experiência, extraímos uma citação do registro inspirado:

"Balaão fôra homem bom e profeta de Deus; mas apostatará e entregara-se à cobiça; todavia professava ainda ser servo do Altíssimo. Não ignorava a obra de Deus em prol de Israel; e, quando os enviados comunicaram sua mensagem, bem sabia que era seu dever recusar as recompensas de Balaque, e despedir os embaixadores. Mas arriscou-se a temporizar com a tentação, e instou com os mensageiros para que ficassem com êle aquela noite, declarando que não poderia dar resposta decisiva antes que houvesse pedido conselho da parte do Senhor. Balaão sabia que sua conduta não poderia prejudicar Israel. Deus estava ao lado dêles; e, enquanto fôsem fiéis a Êle, nenhum poder adverso, da Terra ou do inferno, poderia prevalecer contra êles. Mas seu orgulho fôra lisonjeado com as palavras dos embaixadores: 'A quem tu abençoares será abençoado, e a quem tu amaldiçoares será amaldiçoado.' As peitas de valiosas dádivas e a exaltação em perspectiva provocaram a sua cobiça. Avidamente aceitou os tesouros oferecidos, e então, ao mesmo tempo em que professava obediência estrita à vontade de Deus, procurou satisfazer os desejos de Balaque.

"À noite o anjo do Senhor veio a Balaão, com esta mensagem: 'Não irás com êles, nem amaldiçoarás a êste povo, porquanto bendito é.'

"Pela manhã Balaão despediu relutantemente os mensageiros; mas não lhes referiu o que o Senhor dissera. Irado por se terem dissipado súbitamente suas visões de lucro e honra, exclamou petulantemente: 'Ide à vossa terra, porque o Senhor recusa deixar-me ir convosco.'

"Balaão amou o prêmio da injustiça.' O pecado da cobiça, que Deus declara ser idólatra, dêle fizera um servo de ocasião e, mediante esta única falta Satanás obteve inteiro domínio sobre êle. Foi isto que causou a sua ruína. O tentador está sempre a apresentar lucros e honras mundanas para aliciar os homens do serviço de Deus. Diz-lhes que são os seus demasiados escrúpulos de consciência que os impedem de alcançar a prosperidade. Destarte muitos são induzidos ao risco de saírem do caminho da estrita integridade. Um passo errado torna o outro mais fácil, e êles se tornam cada vez mais arrogantes. Farão e usarão as mais terríveis coisas quando uma vez se entregaram ao domínio da cobiça e do desejo de poderio. Muitos se lisonjeiam com a idéia de que poderão afastar-se da integridade estrita, durante algum tempo, por amor a alguma vantagem mundana, e que, tendo conseguido seu objetivo, podem mudar sua conduta quanto lhes aprover. Esses tais se acham a enredar-se na cilada de Satanás, e raras vêzes é que escapam." — *Patriarcas e Profetas*, págs. 481 e 482.

Balaão amou o prêmio da injustiça. O pecado da cobiça fizera dêle um servidor de ocasião, e por meio dêsse pecado Satanás obteve inteiro domínio sobre êle. Essa foi a causa da sua ruína. Um único pecado na vida produz a queda. Pelo egoís-

mo e a cobiça Balaão foi levado à ruína. Seria muito surpreendente se os obreiros nestes últimos dias não enfrentassem a mesma tentação. O próprio espírito da época favorece o egoísmo e a cobiça. Não devemos tomar mais tempo para tratar do pecado que levou à ruína êsse profeta de Deus; mas sabemos que o amor do ganho e da honra em nossos dias produzirá resultados idênticos, e pode afastar-nos de Deus e tornar-nos infiéis na obra a que somos chamados para fazer.

Notai, por um instante, a experiência de Pedro. É-nos dito que êle se portou com infidelidade para com seu Mestre por não conhecer a sua própria fragilidade. Considerava-se forte, quando realmente era muito fraco. E as mesmas citações nos dizem que muitos dos professos discípulos de Cristo caem em graves tentações por não possuírem conhecimento correto de si mesmos. Se pudessemos conhecer nossa própria fraqueza veríamos tanto que fazer em prol de nós mesmos que humilharíamos o coração sob a potente mão de Deus.

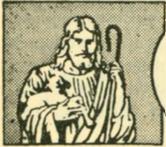
Determinemo-nos a não permitir que êsses pecados tenham domínio sobre nós. Alegro-me com

a promessa que nos é feita no tocante ao êrro de Pedro:

“O solícito cuidado de Cristo por Pedro foi a causa de sua restauração. Satanás nada podia fazer contra a todo-poderosa intercessão de Cristo. E a oração de Cristo em favor de Pedro, fá-la Êle por todos quantos são humildes e contritos de coração.”—Ellen G. White, em *The Youth's Instructor*, de 15 de dezº, de 1898.

Estamos nós satisfeitos conosco mesmos e com nossa atuação na obra de Deus. Lastimamos nossos fracassos passados? Somos humildes e contritos de coração? Temos o propósito de fazer melhor? Se assim é, a oração de Cristo por Pedro, também o é por nós. Satanás nada pode fazer contra a todo-poderosa intercessão de Cristo. A oração que salvou Pedro é feita por vós e por mim. Praza a Deus ajudar-nos em nosso trabalho nos dias por virem. Sejamos fiéis em nossa grande tarefa para Deus.

“Êstes combaterão contra o Cordeiro, e o Cordeiro os vencerá, porque é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis; vencerão os que estão com Êle, chamados, e eleitos, e fiéis.” Apoc. 17:14.



O BRA PASTORAL

Que Fazes Tu Aqui?

ROY F. COTTRELL

Escondido, Califórnia

UMA das reuniões mais impressionantes, interessantes e dramáticas que já tive o prazer de freqüentar, foi a de uns quatrocentos missionários protestantes na China central. Ao ser tratado o assunto da unidade e cooperação cristãs, levantou-se um ministro e, com muita veemência perguntou: “Eu gostaria de saber o que estão fazendo aqui os Adventistas do Sétimo Dia. Têm o propósito de agitar e perturbar o entendimento dos nossos crenetes cristãos simples?”

Vozes numerosas ergueram-se em apoio, e generalizou-se grande tumulto. Quando a calma foi restabelecida, senti-me induzido a responder, e havendo-me sido concedida a palavra pelo presidente, disse, em síntese, o seguinte: “Irmãos e amigos, nós honramos e apreciamos êstes missionários pioneiros que durante muitos decênios têm feito resplandecer a trilha do cristianismo nesta terra entenebrecida; e não estamos aqui para opor-nos a trabalho nenhum bom. Mas ao lermos as Escrituras convencemo-nos intimamente de que há nelas certas verdades vitais e essenciais que não estão sendo ensinadas nem suficientemente salientadas pela maioria dos missionários. Se êles estivessem ensinando um evangelho completo, tal como nós o entendemos, não haveria motivo para a nossa penetração

na China como uma organização independente. Como, porém, percebemos sinceramente que isto não está sendo feito, consideramos ser nosso dever cristão penetrar na China e em toda parte com o simples evangelho de Cristo. E, em vez de restringir-nos por meio de acordos sobre áreas em que possamos ou não possamos penetrar, sentimo-nos compelidos a adotar a orientação de João Wesley, que declarou: ‘Minha paróquia é o mundo’.”

Quarenta anos se passaram desde êsse episódio agitado; entretanto, a pergunta feita por aquêl missionário, se bem que em sentido diverso, é pertinente aos nossos obreiros de hoje: Que estão fazendo aqui os adventistas?

Qual é a Mensagem de Nossos Sermões?

Não faz muito assisti a um culto de sábado e escutei um sermonete pregado por um ministro jovem. Seu tema, “Um Lar Feliz” foi apresentado com retórica impecável e beleza de expressão, mas não houve nêle menção alguma de passos bíblicos, de religião, de auxílio divino nem de culto familiar. Foi-me dito que êsse jovem freqüentara certos cursos numa universidade próxima.

Faz poucas semanas recebi carta de um amigo que reside próximo de um colégio adventista do

sétimo dia. Ele escreveu a propósito de uma série de palestras proferidas na Semana de Oração, por alguém que interpretou a experiência cristã sob o prisma da mente e da psicologia. Eu também já ouvi uns poucos desses sermões. Com seu ponto de vista moderno e linguagem universitária, continham certo apêlo intelectual; entretanto, a maioria dos ouvintes, creio eu, ficaram tão desprovidos de alimento espiritual quanto de vegetação os montes de Gilboa.

A experiência do apóstolo Paulo fornece lições valiosas ao mensageiro divino de hoje. Em Atenas proferiu ele um discurso soberbamente burilado e universitário, em que à "lógica opusera lógica; respondera à ciência com ciência; à filosofia com filosofia." — *Atos dos Apóstolos*, pág. 244. Não obstante, esse esforço oratório não produziu senão pouquíssimo fruto; e ao prosseguir viagem para Corinto, decidiu "evitar discussões e argumentos elaborados e nada se propor saber entre os coríntios, 'senão a Jesus Cristo, e Este crucificado.' Estava disposto a pregar-lhes, não com 'palavras persuasivas de sabedoria humana, mas em demonstração do Espírito e de poder.'" — *Idem*.

Como resultado dessa pregação simples e sincera do evangelho, fundou-se em Corinto uma grande igreja. No tocante ao ministério de Cristo, achase declarado que Ele "não empregou em Seus discursos palavras longas nem difíceis, mas usou linguagem simples, adaptada à compreensão do povo comum." — *Testimonies*, Vol. IV, pág. 260. Seus ensinamentos podiam ser entendidos com clareza tanto pelos camponeses quanto pelos príncipes, assim pelos analfabetos como pelos intelectuais. O povo comum escutava-o com regozijo, pois essa é a espécie de linguagem que atinge o coração e converte a alma.

Necessário é que de quando em quando nos façamos a pergunta: Que estamos nós fazendo aqui? Esta igreja e povo foram suscitados por Deus para fazerem um trabalho específico nesta hora auspiciosa, e devemos pregar sermões tais como nenhum outro ministro está pregando. Declara a serva do Senhor:

"Há muitas verdades preciosas contidas na Palavra de Deus, mas é da 'verdade presente' que o rebanho necessita agora. Eu vi o perigo de os mensageiros afastarem-se dos pontos importantes da verdade presente, para tratarem de assuntos que não se destinam a unir o rebanho nem santificar a alma. Satanás tirará nesse sentido toda vantagem possível para prejudicar a causa.

"Mais assuntos tais como o santuário, em relação com os 2.300 dias, os mandamentos de Deus e a fé de Jesus, estão perfeitamente destinados a explicar os primórdios do movimento adventista e mostrar qual é a nossa posição presente, firmar a fé dos que duvidam e comunicar certeza quanto ao futuro glorioso. Estes, vi com freqüência, eram os assuntos principais sobre os quais os mensageiros deveriam insistir." — *Early Writings*, pág. 63.

Para Pregarmos que Sermões Somos nós Ordenados?

Irmãos, nós não fomos ordenados para pregar sociologia, cultura, éticas, psicologia ou qualquer outra coisa, "senão a Jesus Cristo, e Este crucificado," tal como é exaltado na grande mensagem evan-

gêlica. Esta é a espécie de pregação que produziu adventistas do sétimo dia; esta é a espécie de pregação que os fortalecerá na fé e preparará um povo para a trasladação.

Diz Ellen G. White:

"Oh! quem me dera servir-me de uma linguagem suficientemente vigorosa para causar a impressão que desejo sobre meus companheiros de obra no evangelho! Meus irmãos, estais lidando com as palavras da vida; estais tratando com espíritos capazes do máximo desenvolvimento. Cristo crucificado, Cristo ressurgido, Cristo assumido aos Céus, Cristo vindo outra vez, deve abrandar, alegrar e encher o espírito do ministro, por tal forma, que ele apresente estas verdades ao povo em amor, e profundo zelo. O ministro desaparecerá então, e Jesus será revelado.

"Exaltai a Jesus, vós que ensinai o povo, exaltai-O nos sermões, em cânticos, em oração. . . Não introduzais em vossas pregações coisa alguma que seja um suplemento a Cristo, a sabedoria e o poder de Deus." — *Obreiros Evangélicos*, págs. 155 e 156.

"Lembrar-se-ão os nossos irmãos de que estamos vivendo entre os perigos dos últimos dias? Lêde o Apocalipse em conexão com Daniel. Ensinai estas coisas. Sejam os discursos breves, espirituais, elevados. Encha-se o pregador da Palavra do Senhor. . .

"A Palavra é a luz do pregador, e ao fluir da figueira celetial o óleo áureo para o reservatório, faz que a lâmpada da vida resplandeça com uma clareza e poder que todos venham a discernir. . . O pão da vida satisfará toda alma faminta." — *Testimonies to Ministers*, págs. 337-340.

Os homens de Deus ponderarão freqüentemente estas palavras penetrantes: "Que fazes tu aqui, Elias?" Então, com o espírito e o poder de um Elias, a dedicação de um Daniel, e a indomável fé e ânimo de um Paulo, declararão todo o conselho de Deus, não omitindo verdades vitais nem essenciais da tríplice mensagem.

Irmãos, puguemos a Palavra!

Não Substituir a Bíblia

"Provem todos a própria atitude por meio das Escrituras e fundamentem pela Palavra de Deus revelada todo ponto que vindicam ser verdade." — *Carta 12*, 1890.

Tornai Manifesto o Sinal Distintivo

"Temos que dar ao mundo uma demonstração dos princípios puros, nobres e santos que devem distinguir o povo de Deus do mundo. Em vez de o povo de Deus chegar a distinguir-se cada vez menos definitivamente dos que não guardam o sábado do sétimo dia, devem eles tornar a observância do sábado tão manifesta que o mundo não possa deixar de reconhecer que são adventistas do sétimo dia." — *Evangélico*, pág. 233.

A Base Escriturística para a Filosofia Adventista do Cuidado Pastoral

W. JOHN CANNON

Pastor da Associação de Potomac

PARTE I

O TERMO *aconselhar* não é ainda aceito pela totalidade dos adventistas do sétimo dia, e muito menos um conceito definido ou filosofia neste campo. Pesquisas científicas nas esferas da psicologia referente à obra do ministério estão provando que a Palavra de Deus nunca é antiquada. Os princípios básicos de seus escritos, por virem de encontro às necessidades humanas, satisfazem as almas famintas deste século, melhor do que qualquer plano de origem humana. Ainda assim não devemos desprezar os esforços dos homens que procuram penetrar as dores da raça humana. O estudo dos processos de aconselhar pode ajudar o pastor da cidade a fazer trabalho mais eficiente para Cristo.

Por causa de bem definidas injunções, muitos adventistas são precavidos quanto ao termo psicologia. Ainda que corretamente compreendida, ela é uma ciência fundamental a toda tentativa que fazemos para melhorar nossos métodos. Para efetuar um trabalho eficiente no ramo da educação, na colportagem evangelística, no progresso evangelístico, no método de anunciar, precisamos conhecer algo sobre as reações da mente humana. A esse respeito sentiu-se que o termo *conselheiro* pode designar alguém como seguidor de um dos expoentes de alguma teoria particular, tal como: Freud, Adler, Jung, Dewey e outros semelhantes; e muitas dessas teorias têm base em premissas inaceitáveis para os bíblicistas que crêem ser a Bíblia toda a inspirada Palavra de Deus. Neste ponto se admite prontamente que há hoje um crescente número de ministros que aconselham guiados por idéias racionalistas e não encontram nenhum conflito com sua fé religiosa. São modernistas ao interpretar a Bíblia, e por isso o racionalismo não os atrapalha.

Tal não é o ponto de vista apresentado aqui. Sustenta-se que aconselhar é a incumbência e o dever de todo aquele que é chamado para pastorear o rebanho. Os adventistas rejeitam categoricamente todo ponto de vista que esteja em desacordo com a Palavra de Deus, mas também reconhecem que algum conhecimento que auxilie no conhecer e compreender melhor os homens e as mulheres por quem trabalham, contribui para um mais eficiente trabalho de salvar para Cristo os perdidos. Não se trata de um departamento profissional do ministério pastoral; é o ministério pastoral.

Todos os pastores são conselheiros. São conselheiros quando encontram almas inquiridoras e anelantes, como o jovem rico que perguntou: "Que farei eu de bom para alcançar a vida eterna?" São conselheiros quando a algum fariseu, como Nicodemos, se tiver de mostrar que o novo nascimento vai muito além da observância formal de leis codificadas. São conselheiros quando alguém oprime por incurável enfermidade física como a mulher dos tempos bíblicos, procura um raio de esperança. São conselheiros quando a fé cristã es-

tá abalada pela morte de um ente querido ou quando surgem os críticos problemas maritais, ou um homem perde o emprego ou sobrevem uma crise financeira. É trabalho do ministro aconselhar. Não devemos ter medo do termo, pois o quadro profético de Isaías, da vinda do Messias, era que Seu nome deveria ser "Maravilhoso, Conselheiro." Algumas traduções dão "Maravilhoso Conselheiro."

Não estou procurando um título que se adapte bem ao trabalho que está sendo feito, mas parece-me conveniente que a obra de Seus servos fiéis seja chamada de conselho segundo o exemplo do Maravilhoso Conselheiro. É verdade que os modernos "descobrimientos" dos métodos psicológicos são de grande ajuda, especialmente para quem é pastor numa cidade grande, pois quanto mais aprende tais métodos tanto mais aprecia que, fundamentalmente, tudo quanto possui algum valor tem suas raízes na prática, ilustração e exemplo dentro das capas do Livro dos livros. O melhor estudo que temos nesse sentido está na vida e no ministério do Maravilhoso Conselheiro.

Isso, porém, não dispensa a instrução. Tão certo como afiamos nossa ferramenta teológica na bigorna do intensivo estudo acadêmico no Seminário, é certo que precisamos aperfeiçoar nossa habilidade para usar essa ferramenta por cuidadoso preparo na teoria e na prática, quando estudamos o caminho para o coração e a mente dos homens. A experiência ajuda, mas ainda assim não pode tomar o lugar da instrução especial para atender às necessidades das ruínas emocionais do colapso moral das grandes cidades. Este estudo busca mostrar como estamos desempenhando este papel na aplicação da instrução dada a nós pelo Senhor.

Que é Aconselhar?

Não tentamos definir o termo aconselhar. É aqui que nos defrontamos com um problema. Há um volume crescente de obras sobre o conselho pastoral. Há suficiente quantidade de objetivos e processos, etc., mas as definições mudam com o mudar da filosofia. Conta-se que enquanto falava a um grupo de pastores na cidade de Nova York, o Dr. Leslie Weatherhead uma vez disse que "aconselhar é desentrançar uma vida emaranhada." Para o advenista é muito mais do que isso, a menos que possamos ler nessa definição os resultados eternos. Alguém pode considerar seu trabalho bem feito se puder prover um número suficiente de pilulas psicológicas para estimular uma vida fracassada a seguir avante. O conselheiro adventista tem seus olhos no destino eterno. Seu trabalho não é consertar uma máquina quebrada, mas salvar uma alma.

Considera-se melhor esboçar aqui a obra de aconselhar para indicar o que ela inclui, do que fazê-lo exclusivamente por meio de algumas sentenças de

definições. Na minha compreensão, o conselho pastoral é obra do pastor.

1. Inspirando confiança e fé.
2. Apontando aos homens o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo.
3. Estabelecendo relações corretas.
4. Comunicando positivo pensar, cultivar pensamentos nobres (Fil. 4:8).
5. Substituindo o temor pecaminoso pelo amor divino.
6. Confortando os doentes, desamparados e desanimados.
7. Sendo amigo compreensível do solitário.
8. Conduzindo homens e mulheres a ver a grandíssima pecaminosidade do pecado — ser positivo pelo contraste.
9. Partilhando com outros uma vital experiência cristã.
10. Mostrando que a única maneira de conservar a felicidade está em seguir a justiça.
11. Levando os aconselhados à maravilhosa bênção da amizade com Cristo.
12. Rejeitando o egoísmo para persuadir os homens de que a paz é achada na completa entrega da vontade a Cristo.
13. Reconhecendo o valor real de uma alma.

14. Ensinando a todos que nenhum homem vive para si — precisamos da fraternidade do evangelho.

Podeis dizer que isso inclui todo o ministério pastoral. E esta é a nossa convicção. Podeis pensar num ponto que não é verdadeiramente de conselho pastoral? Vereis ao mesmo tempo que tal trabalho não se limita à entrevista privada, mas é um trabalho do qual o pastor nunca pode estar livre. É um trabalho que será levado a efeito do púlpito, no escritório, no lar, na visita aos doentes, nas comissões e nas reuniões da Mesa. Quando alguém entende que o aconselhar se baseia nas relações e no trato entre indivíduos, sua eficácia é reconhecida.

Talvez devêssemos aqui fazer algumas declarações do que o aconselhar não é.

Não é alguém assumir atitude de autoridade em assuntos que não são de sua competência. O conselheiro não é médico, advogado ou banqueiro. Nem é um sacerdote no confessionário. Não é um psicólogo. Não aceita filosofias racionalistas que tentam ver nos fatores circunstanciais os estímulos que produzem as várias espécies de reações. O conselheiro adventista aprecia o lugar e o poder da vontade, freqüentemente vencendo as tendências cultivadas e herdadas. Mais do que isso, conhece o poder de Deus em erguer o homem caído. Reconhecendo que o homem não está à mercê de todo o vento de doutrina que sopra, pode inspirar homens a ações resolutas. Temos o registro do nobre exemplo daqueles que se tornaram grandes a despeito das circunstâncias e não por causa delas.

Para acrescentar uma negativa mais, aconselhar não resolve os problemas, mas encontra o senso de impropriedade, frustração, ansiedade e culpa que advêm dos problemas. Um homem pode encarar montanhas de dificuldades ao ver nelas apenas um desafio para sua capacidade. Torna os obstáculos em alpendras para o êxito. O apóstolo Paulo relata uma lista de perseguições que arruinariam muitas pessoas. Há outros que sucumbem diante de poucos

problemas e parecem oprimidos pela ansiedade, indo finalmente à destruição. Esse foi o caso de Judas. Uma grande tentação e ele estava perdido!

Voltemos agora, porém, à base escriturística para este modo de aconselhar em nosso meio.

A Entrada do Pecado

Assim que o homem pecou precisou de um conselheiro. Depois do primeiro momento de sensação de repulsa, novas e estranhas emoções tomaram posse d'ele. O pecado era uma nova experiência, e suas trágicas conseqüências ainda não eram bem compreendidas. Por isso pode ser muito forte sugerir que ele foi tomado pelo medo da ansiedade. Mesmo tendo confessado seu pecado o homem continuou receoso. Este foi o primeiro resultado direto do pecado. Aquêlê medo tem crescido com o passar dos meses e anos quando a história da morte e decomposição começou a se desenrolar.

Antes da entrada do pecado, o homem mantinha livre e desembaraçada comunhão com Deus. A relação de amor não deixava nenhum lugar para o câncer da ansiedade estender suas raízes mortais. O pecado trouxe o medo, que se fortificou na ansiedade com seus acompanhantes: inquietação, frustração, ciúme e más imaginações. O homem estava em necessidade, contudo dificilmente compreendeu o de que precisava, e tinha medo de Deus.

Ao contrário do que muitos psicólogos pensam ser bom método, Deus veio em busca do homem, procurando-o no jardim. Há motivos para pensar nesse ponto. Sem dúvida alguma o conselheiro tem que ser paciente e ganhar a confiança de alguém que esteja em necessidade de ajuda. Ele deve evitar apressar seus serviços, mas deve também considerar aqueles que precisam ser buscados.

Deus teve em vista tornar clara a situação. Ajudando o homem a encarar as realidades da situação, também deu a certeza do plano da redenção. O meio da expiação estava retratado nos sacrifícios vicários. Nêles Adão via as terríveis conseqüências do pecado, que foram cobertas com o amor de Deus ao ser provido o sacrifício substituinte. Novo meio de comunhão foi estabelecido, e um plano para a restauração da relação perdida. Na revelação do plano pelos anjos comissionados pelo Céu, o homem viu que sua insuficiência própria seria compensada pela provisão da graça divina. Justo aqui está uma importante diferença entre a Bíblia e a filosofia adventista, e os racionalistas. Deus dissipa os temores do homem e dá-lhe conforto e esperança, não pelo crescimento da confiança própria ou isentando-o da repressão, mas ensinando completa dependência do poder divino.

O pecado do homem trouxe mudanças primeiramente no setor das relações e da comunhão. As penalidades do pecado vieram por causa da alteração de relações. Não foi o resultado físico de comer o fruto que trouxe morte e miséria, mas o fato de isto ter feito do homem um transgressor da Lei de Deus e um rebelde contra os Céus. Naquela primeira entrevista Deus providenciou novos meios de comunicação. Ele assegurou a Adão e Eva uma maravilhosa esperança de completa restauração. Revelou o plano do amor que levaria o Calvário a vencer o domínio do mal. Ajudou-os a ver não apenas a situação em suas perspectivas verdadeiras, mas também o meio de escape.

Mêdo

É-nos dito que o primeiro resultado direto do pecado foi o medo. É necessário mostrar que por trás de uma grandíssima proporção das dificuldades deste mundo está a mão ameaçadora do medo. Limitaremos nossa análise à relação entre aconselhar sobre o medo e seus mais íntimos aliados: a ansiedade e a aflição.

Antes de começar a tratar com o desafio negativo que o medo faz ao conselheiro, não deveríamos deixar de dizer que o medo tem valores positivos que produzem um efeito benéfico sobre o indivíduo.

O *medo pode ser um auxílio*. Os valores positivos do medo parecem não ser reconhecidos por muitos psicólogos. Contudo, a Bíblia deliberadamente usa o medo. Quando Deus disse a Adão: "No dia em que dela comeres, certamente morrerás," houve sem dúvida uma tentativa de fazer do medo das consequências um preventivo contra a desobediência. Se nossos primeiros pais tivessem sido tão medrosos quanto a trágica advertência os deveria fazer, não teria havido pecado.

Quando as Escrituras Sagradas pintam graficamente em termos assustadores o derramamento das sete últimas pragas e o fim dos ímpios no fogo consumidor, é com a intenção de inspirar medo desse castigo certo, e garantir ao homem que ele pode escapar dessa penalidade. Coisa agradável é encarar as realidades. Tornar clara a situação não significa dar brilho falso à verdade. A experiência mostra que encarar os fatos tais como são, é muitas vezes um grande passo à frente para desarraigar o horror da ansiedade.

Uma criança é enfiada a ter medo do fogo, para que evite queimar-se. A compreensão de que a água oferece perigos pode prevenir afogamentos. A lei tem que ser temida para fazer bons cidadãos. Com nossa compreensão anuviada por seis mil anos de pecado, o medo pode servir para um propósito útil; mas não controlado, ele se torna um monstro na destruição. Deste ponto, tendo reconhecido este lado do quadro, discutiremos o medo somente em seu senso destrutivo, como a fonte principal de provas que o conselheiro depara.

A fim de dar-nos alguma idéia do dilatado predomínio dos problemas do medo, enumeraremos resumidamente as espécies de medo.

Há o medo do futuro. Caim, quando soube do resultado do assassinio que cometera, protestou: "É maior a minha maldade que a que possa ser perdoada. Serei fugitivo e vagabundo na Terra, e será que todo aquele que me achar me matará." (Gênesis 4:13 e 14). Ele temia o futuro.

Também há o medo do passado. Davi, pensando no seu pecado passado, clamou em agonia de espírito: "Não me lances fora da Tua presença, e não retires de mim o Teu Espírito Santo." (Salmo 51:11).

Há o medo supersticioso. Era esta espécie de medo que freqüentemente levava Israel à idolatria, seguindo as nações vizinhas. Foi esse medo que levou o salmista a recomendar: "Entrega o teu caminho ao Senhor; confia n'Ele, e Ele tudo fará." (Salmo 37:5).

Outro aspecto do medo tem que ver com as crises. Muitas são as lindas promessas de auxílio

divino para estas emergências. "Quando passares pelas águas estarei contigo, e quando pelos rios, eles não te submergirão." (Isaias 43:2).

Uma das formas prevalecentes do medo, é o medo de ser descoberto. Esta é a fonte das chantagens e de alguns dos mais torpes pecados. Tortura a vítima com tormentos indescritíveis. Há poucas semanas um jovem veio ao meu escritório. Disse-me que era um criminoso foragido. Estava em agonia de espírito, e a cada barulhinho quase saltava da cadeira. Sentia a todo momento que a polícia o tinha descoberto. Não podia estar sossegado. Quão terrível é sempre estar vigilante para não ser descoberto por alguém. O escritor do Salmo 32 conta sua experiência: "Porque de dia e de noite a Tua mão pesava sobre mim; o meu humor se tornou em sequeidão de estio."

Poderíamos mencionar o medo da vida, o medo da morte, o medo de envelhecer, o medo da doença e outros medos. Isto nos dá uma idéia apenas do longo alcance dos tentáculos do medo.

Não somente é amplo o medo em seus fins, mas encontra a maioria das pessoas. O aconselhar precisa de um remédio para o medo, mais do que para qualquer outro mal que afeta a mente, a alma ou o corpo. Nesta época este mal psicológico está prevalecendo de modo especial. Em seu livro *Faith Can Master Fear*, diz Thomas:

"Temem as pragas futuras quase todos os que vivem nesta geração. Desejamos que a vida possa ser diferente, dizemos, mas o mundo parece estar em trevas. Ricos ou pobres, cultos ou ignorantes, americanos ou russos — todos tememos o futuro. Nestes momentos em que acreditamos no que desejamos seja verdade, sonhamos com um milagre para dissipar as sombras." — pág. 20.

O conceito adventista da relação íntima entre a mente e o corpo é um grande auxílio para enfrentar o repto do medo. Esta compreensão derivada dos ensinamentos de Cristo ataca não os sintomas mas a causa fundamental. O medo produz incapacidade física.

O medo causa tensão física até que a tensão se torna insuportável. A Medicina fornece sedativos para aliviar as tensões nervosas. Os psicólogos atacam os aspectos mental e físico. Mas é necessário ao cristão consagrado o pleno conhecimento dos princípios bíblicos para produzir a saúde perfeita do corpo, da mente e da alma. Os adventistas sabem que somente a presença do Espírito Santo pode produzir "a paz que excede todo o entendimento." Essa o mundo não pode dar, mas uma vez plenamente aceita, ela protege o coração contra esses assaltos do inimigo.

(Conclui no próximo mês).

"Os religiosos em geral divorciam a lei do evangelho, ao passo que nós, por outra parte, quase fizemos o mesmo de outro ponto de vista. Não expusemos às pessoas a justiça de Cristo nem a ampla significação de Seu grande plano da redenção. Deixámos de lado a Cristo e a Seu amor incomparável, e introduzimos as teorias e raciocínios, e pregámos argumentos." — *Evangelismo*, págs. 231 e 232.



E VANGELISMO

O Pastor como Líder do Evangelismo Leigo

WALTER SCHUBERT

Secretário Associado da Associação Ministerial da Associação Geral

A. Comissão da Igreja

1. "A igreja é o instrumento apontado por Deus para a salvação dos homens." — *Atos dos Apóstolos*, pág. 9.
2. A igreja foi organizada com o propósito de levar a mensagem ao mundo. — *Testimonies*, Vol. VI, pág. 295.
3. A obra jamais será terminada sem que os membros da igreja unam seus esforços com os dos ministros. — *Obreiros Evangélicos*, pág. 347.
4. "Uma igreja que trabalha, é uma igreja que progride." — *Idem*, pág. 194.
5. Todo verdadeiro discípulo tem que ser um missionário.

B. O Pastor, Capitão dos Leigos

1. Ganhar almas para o Reino tem que ser a primeira preocupação do ministro. — *Obreiros Evangélicos*, pág. 29.
2. Os ministros nunca devem perder de vista sua fundamental missão e responsabilidade. — *Idem*, pág. 15.
3. O ministro, a fim de inspirar o evangelismo leigo tem que ter, antes de mais nada, profunda preocupação pelas almas.
4. O ministro deve treinar soldados para a batalha da guerra espiritual. — *Obreiros Evangélicos*, págs. 70-72.
5. O Pastor é semelhante ao "mestre de um grupo de operários, ou a um comandante de navio." — *Idem*, pág. 193.
6. O Pastor deve trabalhar para treinar coadjutores da igreja. Estudar *Obreiros Evangélicos*, págs. 193-196.
7. Os ministros devem ensinar o povo a como trabalhar pelos perdidos. — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 614.
8. Os ministros devem preparar os membros da igreja para todos os ramos da atividade missionária. — *Testimonies*, Vol. VI, pág. 302.
9. A maior ajuda que pode ser dada aos membros da igreja é a de ensiná-los a trabalhar para Deus. — *Testimonies*, Vol. VII, pág. 19.

C. Incutir Urgência nos Leigos

1. O membro inativo é espiritualmente fraco.
2. A igreja inativa é uma igreja problemática.
3. Tão pouco tempo.
4. Todo membro deve trabalhar e começar em casa, entre os amigos, e na vizinhança. — *Testimonies*, Vol. VI, págs. 427 e 428.
5. *Trabalhem os leigos com amor às almas, e*

muitos virão a converter-se. — *Testemunhos Seletos*, [Edição Mundial], Vol. III, pág. 301.

D. Como Encontrar e Ganhar Almas

1. Contato pessoal com as pessoas em seus lares ganha mais almas do que todos os métodos de evangelismo combinados.
2. O método de Cristo era visitar as pessoas em seus lares. — *Evangelism*, págs. 53-55; *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 107.
3. O método de Paulo ganhar almas foi o de ir de casa em casa. (Ver *Atos 20:20*). —
4. A igreja hoje em dia deve seguir o método de Cristo indo de casa em casa. — *Evangelism*, págs. 53-59 e 429-455.
5. Neste trabalho de procurar almas de casa em casa, contamos com auxiliares invisíveis.
 - a) Cristo está com o ganhador de almas quando este vai de casa em casa. "Cristo os guiará em seu trabalho, entrando na casa do povo juntamente com eles, e dando-lhes palavras que penetrarão profundamente no coração dos ouvintes." — *Evangelismo*, pág. 436.
 - b) Os anjos são ávidos e invisíveis ajudadores no trabalho de ganhar almas. — *Evangelismo*, págs. 488 e 489; *O Desejado de Todas as Nações*, págs. 217 e 218.

E. A Técnica de um Programa de Visitas de Bom Êxito

1. Ter um alvo de almas.
 - a) Alvo da igreja.
 - b) Alvo individual.
 - c) "Devem ter um escopo definido em sua ocupação. Decidam quanto tempo requer certo trabalho, e então se esforcem para executá-lo no dado tempo." — *Parábolas de Jesus*, pág. 344.
"Lembraí-vos de que nunca alcançareis mais elevada norma que a que vos propuserdes. Fixai pois alto vosso alvo e, passo a passo, embora com esforços dolorosos, abnegação e sacrifício, subi até ao tópo a escada do progresso... Circunstâncias adversas devem criar a firme determinação de vencê-las... Insisti com resolução na direção correta, e então as circunstâncias serão vossas auxiliares, não empecilhos." — *Parábolas de Jesus*, págs. 331 e 332.
 - d) E. A. France disse: "O amor por fim nos mostrará o caminho. O homem que é sequioso de ganhar homens para seu Senhor,

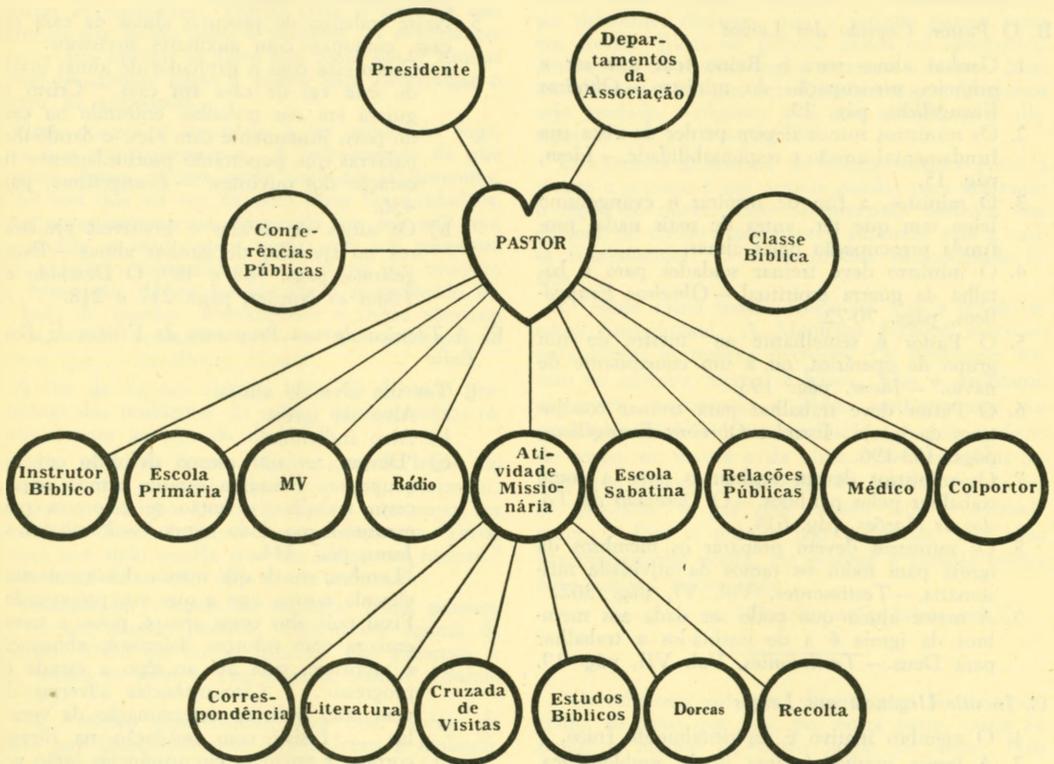
e a isso decidido a todo o custo, tentará uma experiência após outra até que por fim a sua avidez ou os métodos farão os homens sentirem que êle os ama, e levá-los-á a ver em seu amor o amor de Deus.”

2. Organizar a igreja em diversas atividades para ganhar almas.
3. Tôda família deve possuir um exemplar do livro *Adestrando Portadores de Luz*, compilado pelo Departamento de Atividades Missionárias da Associação Geral, e publicado pela Casa Publicadora Brasileira. Este livro proverá instrução e inspiração.
4. Prover o necessário recurso financeiro para o material de evangelização. É um muito bom investimento, quando os fundos são reembolsados rapidamente pela adição de novos membros.
 - a) Prover o seguinte:
 - (1) Folhetos (Série V. A.)
 - (2) *O Atalaia*.
 - (3) Mensagens de Esperança (Folhetos).
 - (4) *Vereda de Cristo* (Edição de bolso) e outros pequenos livros.
 - (5) Bíblias.
5. Organizar um curso de instrução especial para membros leigos — cruzada evangelística de visitas.

d) Todo ano ter um programa intensivo de dois meses de visitas. Isso vos dará algumas centenas de nomes de pessoas interessadas com quem trabalhar, e muitos se converterão.

NOTA — Êste programa terminará com as questões e dissensões entre os membros da igreja. O resultado será a solução aos problemas da igreja. O dízimo e os fundos de despesas locais aumentarão consideravelmente.

6. Ter fichas de contrôle, impressas em duplicata, uma para vós mesmos e outra para cada obreiro leigo, a fim de manter o registro dos interessados que surgem.
7. A Preparação cuidadosa traz grandes resultados. Não é coisa accidental.
8. Como preparar visitantes leigos.
 - a) Fazer adequada preparação preliminar.
 - b) Planejar um reavivamento espiritual na igreja. Primeiro que tudo, e muito importante.
 - c) Marcar a data da campanha intensiva de dois meses de visitas (oito semanas).
 - d) Ter todo o material pronto para usar.
 - e) Usar o sistema de fichas de contrôle.
 - f) A semana que precede à da campanha deve ter três noites de reunião, para a confecção do material.



- a) Selecionar os membros que tenham personalidade agradável e atraente.
- b) Ensinar-lhes a arte de fazer amigos e de entrar nas casas.
- c) Mostrar como captar o interesse.

- g) Tôda semana durante a campanha, separar uma noite para:
 - (1) Nova instrução.
 - (2) Relatar experiências.

- (3) Mostrar como lidar com situações difíceis.
- (4) Descobrir quando as pessoas interessadas estão prontas para serem visitadas pelo Pastor.
- (5) Ensinar a arte de obter decisões.
- (6) Os membros leigos aprenderão mais tentando pôr em prática a instrução, cada semana, do que apenas pela instrução.

F. O Pastor e as Várias Atividades da Igreja.

1. O departamento não é um fim em si mesmo,

mas um meio para chegar ao fim — a salvação de almas.

2. Toda atividade da igreja tem que ter como seu alvo principal ganhar almas para Cristo.

G. As Atividades de Ganhar Almas Através do Pastor — Conferências Públicas.

1. Os membros podem contribuir para o êxito das conferências, trazendo interessados:
 - a) Ao culto de domingo à noite, na igreja.
 - b) As conferências no salão das conferências.
 - c) A classe batismal.



CONSELHO do Espírito de Profecia

A Natureza de Cristo Durante a Encarnação

Ele Tomou Nossa Natureza Humana; Não Nossa Propensão para o Pecado; Nosso Pecado, Culpa, e Castigo Lhe Foram Todos Imputados, Mas Não Eram Seus

I. O MISTÉRIO DA ENCARNAÇÃO

1. A VERDADE DA ENCARNAÇÃO CONVIDA-NOS A ESTUDÁ-LA. — “A humanidade do Filho de Deus é tudo para nós. É a corrente áurea que nos liga a alma a Cristo, e por meio de Cristo, a Deus. Isto devemos estudar. *Cristo era um homem real; Ele deu prova de Sua humildade tornando-Se homem. Entretanto era Deus na carne.* Ao abordarmos este assunto, bem faremos com atentar para as palavras proferidas por Cristo a Moisés junto à sarça ardente: ‘Tira os teus sapatos dos teus pés; porque o lugar em que tu estás é terra santa.’ Devemos abordar este estudo com a humildade de um aprendiz, com coração contrito. E o estudo da encarnação de Cristo é um campo frutífero, que recompensará o pesquisador que cavar fundo em busca da verdade escondida.” — *The Youth's Instructor*, 13 de outº. de 1898.

2. O PLANO DA REDENÇÃO INCLUÍA A ENCARNAÇÃO. — “O único plano que poderia haver sido ideado para salvar a raça humana foi o que requeria a encarnação, humilhação, e crucifixão do Filho de Deus, Majestade do Céu. Depois que o plano da salvação foi ideado, Satanás não podia ter base sobre que fundamentar a sua sugestão de que Deus, por ser tão elevado, não podia impertinar-Se com uma criatura tão insignificante quanto o homem.” — *The Signs of the Times*, 20 de janº. de 1890.

3. A ÚNICA ESPERANÇA DA HUMANIDADE CAÍDA. — “Na contemplação da encarnação de Cristo na humanidade, ficamos desconcertados ante o mistério insondável, que a mente humana não pode compreender. Quanto mais nêle refletimos tanto mais pasmoso nos parece. Que profundidade há no contraste entre a divindade de Cristo e a

criança impotente do presépio de Belém! Como podemos abranger a distância entre o poderoso Deus e uma débil criança! Não obstante o Criador dos mundos, Aquêle em quem se achava corporalmente a plenitude da divindade, estava manifesto no débil infante do presépio. Muito superior a qualquer dos anjos, igual ao Pai em dignidade e glória, contudo vestiu-Se das vestes da humanidade. *A divindade e a humanidade estavam misteriosamente combinadas, e Deus e o homem se converteram em um.* É nessa união que encontramos a esperança de nossa raça caída. Ao contemplar a Cristo humanizado, contemplamos a Deus, e nêle vemos o resplendor de Sua glória, a expressa imagem de Sua pessoa.” — *Idem*, 30 de julho de 1896.

4. INESGOTÁVEL É O TEMA DA ENCARNAÇÃO. — “Ao estudar o obreiro a vida de Cristo, e ao meditar no caráter de Sua missão, cada nova busca revelará algo mais profundamente interessante do que já foi desvendado. O assunto é inesaurível. O estudo da encarnação de Cristo, de Seu sacrifício expiatório e obra medianeira, *ocupará a mente do diligente estudante enquanto o tempo durar; e contemplando o Céu com seus inumeráveis anos, exclamará: ‘Grande é o mistério da piedade!’*” — *Obreiros Evangélicos*, pág. 248.

5. DEPENDÊNCIA DO ESPÍRITO SANTO PARA SUA COMPREENSÃO. — “Que Deus Se tenha manifestado assim na carne, é em verdade um mistério; e sem a ajuda do Espírito Santo, não podemos esperar compreender este assunto. A lição mais humilhante que o homem tem que aprender é a insignificância da sabedoria humana, e a insensatez de por seus próprios esforços, e sem auxílio, procurar descobrir a Deus.” — *The Review and Herald*, 5 de abril de 1906.

6. SUA SIGNIFICAÇÃO NÃO SERÁ COMPREENDIDA PLENAMENTE SENÃO NO DIA DA TRASLADAÇÃO. — “Mudou a natureza humana, do Filho de Maria, para a natureza divina, do Filho de Deus? Não. *As duas naturezas esta-*

vam misteriosamente combinadas em uma só pessoa — o homem Cristo Jesus. N'Ele habitava corporalmente tôda a plenitude da divindade. . . .

"Este é um grande mistério, um mistério que não será compreendido plenamente em tôda a sua grandiosidade sem que se efetue a transladação dos remidos. Então se compreenderá o poder, a grandeza e a eficácia do dom de Deus ao homem. Mas o inimigo está decidido a que êsse dom fique tão mistificado que chegue a ser como nada." — *The S. D. A. Bible Commentary*, Vol. V, pág. 1.113.

7. INEXPLICAVEL É O PROCESSO DA ENCARNAÇÃO. — "Não podemos explicar o grande mistério do plano da redenção. Jesus tomou sobre Si a humanidade para poder atingir a humanidade; mas não podemos explicar como a divindade Se revestiu da humanidade. Um anjo não teria sabido como simpatizar com o homem caído, mas Cristo veio ao mundo e sofreu tôdas as nossas tentações e suportou tôdas as nossas aflições." — *The Review and Herald*, 1º. de outº. de 1889.

II. UNIÃO MIRACULOSA DO HUMANO E DO DIVINO

1. NÃO SE SEPAROU DE SUA DIVINDADE. — "Despindo-Se de Suas vestes régias e de Sua coroa real, Cristo vestiu Sua divindade com humanidade para que os seres humanos pudessem ser erguidos de sua degradação e colocados em posição vantajosa. Cristo não podia vir a êste mundo com a mesma glória que tinha nas côrtes celestes. Os seres humanos pecadores não teriam podido suportar-Lhe a presença. Encobriu Sua divindade com o traje da humanidade, mas não Se separou de Sua divindade. Um Salvador divino-humano, veio para pôr-Se à testa da raça caída, para participar de sua experiência desde a infância até à idade varonil. Veio a êste mundo, e viveu uma vida de perfeita obediência para que os seres humanos pudessem ser participantes da natureza divina." — *Idem*, 15 de junho de 1905.

2. A DIVINDADE E A HUMANIDADE COMBINADAS EM CRISTO. — "A divindade e a humanidade estavam combinadas em Cristo. A divindade não Se rebaixou até à humanidade; a divindade manteve Seu lugar, mas a humanidade, ao estar unida à divindade, suportou a mais violenta prova de tentação no deserto. O príncipe dêste mundo foi ter com Cristo depois de Seu prolongado jejum, quando estava faminto, e insinuou que transformasse em pão as pedras. Mas o plano de Deus, ideado para a salvação do homem, estabelecia que Cristo haveria de padecer fome, pobreza e cada fase da experiência humana." — *Idem*, 18 de fevereiro de 1890.

3. GRANDE COMO O PAI ETERNO, MAS UM CONOSCO. — "Quanto mais meditamos na vinda de Cristo como criança a esta Terra, tanto mais admirável se nos afigura. Como pôde acontecer que o infante desvalido do presépio de Belém, não obstante seja o divino Filho de Deus? Conquanto não possamos compreendê-lo, podemos crer que quem fez o mundo, por amor de nós Se converteu numa débil criancinha. Conquanto superior a qualquer dos anjos, conquanto tão grande como o Pai no trono do Céu, chegou a ser um conosco. N'Ele, Deus e o homem chegam a ser

um, e é neste fato que encontramos a esperança de nossa raça caída. Ao contemplar Cristo na carne, contemplamos a Deus na humanidade, e n'Ele vemos o resplendor da glória divina, a expressa imagem de Deus o Pai." — *The Youth's Instructor*, 21 de novembro de 1895.

4. JESUS NÃO ERA COMO AS DEMAIS CRIANÇAS. — "Ao contemplar a aparência infantil resplandescendente de animação, ninguém podia dizer que Cristo fôsse igual às demais crianças. Era Deus na linhagem humana. Quando Seus companheiros O incitavam a proceder mal, a divindade refulgia através da humanidade, e recusava-se com decisão. Em um instante discernia entre o bem e o mal, e punha o pecado sob a luz dos mandamentos de Deus, sustentando a lei como um espelho que lançava luz sobre o mal. Era êste agudo discernimento entre o bem e o mal que amiúde provocava a ira dos irmãos de Cristo." — *Idem*, 8 de setº. de 1898.

5. TERIA PODIDO RESISTIR AO DOMÍNIO DA MORTE. — "Como membro da família humana era mortal, mas como Deus, era a fonte da vida para o mundo. Em qualquer tempo podia haver resistido, em Sua pessoa divina, ao avanço da morte, e haver-Se subtraído ao seu domínio; mas voluntariamente entregou a vida, a fim de ao assim fazê-lo conceder vida e trazer à luz a imortalidade. . . . Quanta humildade exigia isso! Assombrou os anjos. A linguagem nunca poderá descrevê-lo; a imaginação não poderá abrangê-lo. O Verbo eterno consentiu em tornar-Se carne. Deus Se tornou homem. Foi uma humildade admirável." — *The Review and Herald*, 5 de julº. de 1887.

6. SUPORTOU VICARIAMENTE OS PECADOS E O CASTIGO DO MUNDO. — "O apóstolo chama-nos a atenção para o Autor de nossa salvação. Apresenta-nos Suas duas naturezas, divina e humana. . . . Voluntariamente assumiu Ele a natureza humana. Foi Sua própria obra, e por Seu próprio consentimento. Vestiu a Sua divindade com humanidade. Todo o tempo era como Deus, mas não aparecia como Deus. Velava as manifestações da divindade que haviam imposto a homenagem, e suscitado a admiração do universo de Deus. Era Deus enquanto esteve na Terra, mas Se despojou da forma de Deus, e em seu lugar assumiu a forma de um homem. Por amor de nós Se fez pobre, para que nós, por Sua pobreza, fôssemos enriquecidos. Abandonou Sua glória e Sua majestade. Era Deus, mas renunciou por algum tempo às glórias da forma de Deus. . . . Levou sobre Si os pecados do mundo, e suportou o castigo que Lhe pesava, qual montanha, sobre a alma divina. Deu a vida em sacrificio para que o homem não morresse eternamente. Morreu, não porque a isso fôsse obrigado, mas por Sua própria vontade." — *Idem*.

7. A HUMANIDADE MORREU; A DIVINDADE NÃO MORREU. — "Transformou-se a natureza humana do Filho de Maria na natureza divina do Filho de Deus? Não. As duas naturezas estavam misteriosamente combinadas em uma só pessoa — o homem Cristo Jesus. N'Ele habitava corporalmente tôda a plenitude da divindade. Quando Cristo foi crucificado, foi Sua natureza humana que morreu. A divindade não mingou nem morreu; isso teria sido impossível." — *The S. D. A. Bible Commentary*, Vol. V, pág. 1.113.

III. ASSUMIU A NATUREZA DE ADÃO ANTES DA QUEDA

1. CRISTO ASSUMIU A HUMANIDADE TAL COMO DEUS A CRIARA. — “Cristo veio à Terra, assumindo a humanidade e *pondo-Se como representante do homem*, para demonstrar, no conflito com Satanás que, *assim como Deus O criou*, associado com o Pai e o Filho, podia obedecer a cada reclamo divino.” — *The Signs of the Times*, 9 de junho de 1898.

2. COMEÇOU ONDE ADÃO HAVIA COMEÇADO. — “Cristo é chamado o segundo Adão. Na pureza e santidade, associado com Deus e amado de Deus, *começou onde o primeiro Adão havia começado*. Voluntariamente *palmitou o mesmo terreno em que Adão caiu*, e remiu a queda de Adão.” — *The Youth's Instructor*, 2 de junho de 1898.

3. ASSUMIU A FORMA HUMANA, MAS NÃO A NATUREZA PECADORA CORRUPIDA. — Na plenitude do tempo haveria de ser revelado sob a forma humana. Haveria de tomar Sua posição à testa da humanidade ao assumir a natureza mas não a pecaminosidade do homem. Ouviu-se no Céu a expressão: ‘E virá um Redentor a Sião e aos que se desviarem da transgressão em Jacó, diz o Senhor.’ — *The Signs of the Times*, 29 de maio de 1901.

4. ASSUMIU A NATUREZA PECADORA DE ADÃO. — “Quando Cristo inclinou a cabeça e morreu, quebrou as colunas do reino de Satanás. Venceu a Satanás com a mesma natureza sobre que Satanás alcançara a vitória no Éden. O inimigo foi vencido por Cristo em Sua natureza humana. O poder da divindade de Cristo estava oculto. Venceu com a natureza humana, confiante em Deus para o recebimento de poder.” — *The Youth's Instructor*, 25 de abril de 1901.

5. IMPECABILIDADE PERFEITA DE SUA NATUREZA HUMANA. — “Ao tomar sobre Si a natureza do homem em seu estado degradado, Cristo não participou, no mínimo que fôsse, de seu pecado. Estava sujeito às fraquezas e enfermidades que atacam o homem, ‘para que se cumprisse o que fôra dito pelo profeta Isaías, que diz: Ele tomou sobre Si as nossas enfermidades, e levou as nossas doenças.’ Foi comovido pelo sentimento de nossas doenças, e tentado em tudo, como nós. Não obstante, ‘não cometeu pecado’. Era o Cordeiro ‘imaculado e incontaminado.’ Se Satanás houvesse podido, no mínimo pormenor tentar a Cristo até ao pecado, teria ferido a cabeça do Salvador. Tal como aconteceu, pôde feri-Lo apenas no calcanhar. Se a cabeça de Cristo houvesse sido tocada, haveria desaparecido a esperança da raça humana. A ira divina teria descido sobre Cristo, assim como desceu sobre Adão. . . . Não devemos abrigar dúvidas quanto à perfeita impecabilidade da natureza humana de Cristo.” — *The S. D. A. Bible Commentary*, Vol. V, pág. 1.131.

6. NÃO HERDOU DE ADÃO PROPENSÕES PERVERSAS. — “Sêde cuidadosos, muito cuidadosos quanto a como tratais o assunto da natureza humana de Cristo. Não O *apresenteis como homem com propensões para o pecado*. Ele é o segundo Adão. O primeiro Adão foi criado como um ser puro e sem pecado, sem uma mancha de pecado

sobre si; foi feito à imagem de Deus. Podia cair, e caiu pela transgressão. Por causa do pecado, seus descendentes nasceram com inerentes tendências para a desobediência. Jesus Cristo, porém, era o Filho unigênito de Deus. Tomou sobre Si a mesma natureza humana, e em tudo foi tentado, tal como é tentada a natureza humana. Podia haver pecado; podia haver caído, mas nem por um instante se manifestou nele propensão para o mal. Foi assaltado por tentações no deserto, assim com Adão foi assaltado por tentações no Éden.” — *Idem*, pág. 1.128.

7. VENCEU A SATANÁS COMO O SEGUNDO ADÃO. — “O Filho do homem humilhou-Se e assumiu a natureza humana depois de a raça humana haver-se transviado quatro mil anos do Éden, e de seu estado de pureza e retidão. Durante séculos, o pecado fôra deixando terríveis marcas sobre a raça; e a degeneração física, mental e moral prevaleceram em toda a família humana. Quando Adão foi assaltado pelo tentador no Éden, estava sem a mancha do pecado. . . . Cristo, no deserto da tentação, ocupou o lugar de Adão para suportar a prova que ele não conseguira vencer.” — *The Review and Herald*, 28 de julho de 1874.

8. GUARDAI-VOS DE FAZER A CRISTO INTEIRAMENTE HUMANO. — “Evitai todo assunto, relacionado com a humanidade de Cristo, que esteja exposto a ser mal entendido. A verdade jaz junto à senda da presunção. Ao tratar da humanidade de Cristo, necessitais vigiar rigorosamente cada declaração, não seja que façam vossas palavras dizer mais do que contêm, e assim percais ou obscureçais a clara percepção de Sua humanidade combinada com a divindade. Seu nascimento foi um milagre divino. . . . “O Santo que de ti [Maria] há de nascer, será chamado Filho de Deus.’ . . . Jamais, de modo nenhum, deixeis a menor impressão sobre a mente humana de que uma mancha ou uma inclinação para a corrupção se tenha manifestado em Cristo, ou que Ele de alguma forma cedesse à corrupção. “Foi tentado em tudo, assim como o homem é tentado, não obstante é chamado ‘o Santo.’ É um mistério que ficou sem explicação para os mortais, o fato de Cristo haver sido tentado em tudo, tal como nós, e não obstante fôsse sem pecado. A encarnação de Cristo sempre foi e sempre será um mistério. As coisas reveladas são para nós e para nossos filhos, mas ponham-se todos os seres humanos em guarda contra o ensino de fazer a Cristo totalmente humano, tal como nós; porque não pode ser.” — *The S. D. A. Bible Commentary*, Vol. V, págs. 1.128 e 1.129.

9. CONVERTEU-SE EM CABEÇA DA RAÇA CAÍDA. — “Que idéias opostas se conjugam e se revelam na pessoa de Cristo! Era o Deus todo-poderoso, não obstante foi uma criança desvalida. Era o Criador de todo o universo, não obstante viveu em um mundo de Sua criação, amiúde faminto e cansado, e sem um lugar onde reclinar a cabeça. Era o Filho do homem, não obstante era infinitamente superior aos anjos. Igual ao Pai, mas com Sua divindade vestida de humanidade, permanecendo a cabeça da raça caída, para que os seres humanos pudessem ser colocados em uma posição vantajosa. Possuía as riquezas eternas, e viveu a vida de um homem pobre. Um com o Pai em dignidade e poder, contudo, em Sua humani-

dade foi tentado em tudo como nós somos tentados. No preciso instante de Sua agonia mortal na cruz foi um Conquistador, ao responder ao pedido do pecador arrependido de lembrar-Se dêle quando entrasse no Seu reino."—*The Signs of the Times*, 26 de abril de 1905.

IV. ASSUMIU TODO O PASSIVO DA NATUREZA HUMANA

1. CRISTO ASSUMIU A VERDADEIRA NATUREZA HUMANA. — "A doutrina da encarnação de Cristo no gênero humano é um mistério, 'o mistério que esteve oculto desde todos os séculos e em todas as gerações.' É o grande e profundo mistério da piedade. . . .

"Cristo não deu a entender que assumira a natureza humana; em verdade assumiu-a. Em realidade possuiu a natureza humana. 'E visto como os filhos participam da carne e do sangue, também Ele participou das mesmas coisas. Era o Filho de Maria; pertencia à semente de Davi, segundo a linhagem humana.'" — *The Review and Herald*, 5 de abril de 1906.

2. ASSUMIU O PASSIVO DA NATUREZA HUMANA. — "Veio a este mundo sob a forma humana, para viver como homem entre os homens. Assumiu o passivo da natureza humana, para ser provado. Em Sua humanidade era participante da natureza divina. Em Sua encarnação ganhou em um novo sentido o título de Filho de Deus." — *The Signs of the Times*, de 2 de agosto de 1905.

3. ENFRENTOU A POSSIBILIDADE DE CEDER AO PECADO. — "Mas nosso Salvador revestiu-Se da humnidade com todas as contingências da mesma. Tomou a natureza do homem com a possibilidade de ceder à tentação. Não temos de suportar coisa nenhuma que Ele não tenha sofrido." — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 82.

4. TOMOU OS PECADOS E PADECIMENTOS DO HOMEM CAÍDO. — "Cristo levou os pecados e os padecimentos da raça tal como existiam quando veio à Terra, para ajudar o homem. Por amor à humanidade, revestido da fraqueza do homem caído, ia suportar as tentações de Satanás em tudo quanto o homem podia ser atacado." — *The Review and Herald*, de 28 de julho de 1874.

5. PARTICIPOU DA SORTE DA HUMANIDADE MAS SEM SEUS PECADOS. — "Jesus foi em todas as coisas feito semelhante a Seus irmãos. Tornou-Se carne, da mesma maneira que nós. Tinha fome, e sede, e fadiga. Sustentava-Se com alimento e refrigerava-Se pelo sono. Participou da sorte do homem; embora fôsse o imaculado Filho de Deus. Era Deus em carne. Seu caráter deve ser o nosso." — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 228.

6. O PECADO ACUMULADO DO MUNDO ESTAVA PÔSTO NO PORTADOR DO PECADO. — "A natureza humana de Cristo era semelhante à nossa, e o sofrimento era sentido com mais viveza por Ele, porque Sua natureza espiritual estava isenta de toda mancha de pecado. Portanto, Seu desejo da extirpação do sofrimento era maior do que podem experimentar os seres humanos. . . .

"O Filho de Deus suportou a ira de Deus contra o pecado. Todo o pecado acumulado do mundo estava pôsto sobre o Portador do pecado, o Ser que

era inocente, o único Ser que podia ser a propiciação pelo pecado, porque Ele mesmo era obediente. Era um com Deus. *Nem uma mancha de corrupção havia sobre Ele.*" — *The Signs of the Times*, de 9 de dez. de 1897.

7. O SER SEM PECADO SENTIU A VERGONHA ATORMENTADORA DO PECADO. — "Como um conosco, cumpria-Lhe suportar o fardo de nossa culpa e aflição. O Inocente devia sentir a vergonha do pecado. . . . Todo pecado, toda discórdia, toda contaminadora concupiscência trazida pela transgressão, era uma tortura a Seu espírito." — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 77.

8. SUA ANGÚSTIA EXCEDEU A DO HOMEM CAÍDO. — "O fardo dos pecados do mundo oprimia-Lhe a alma, e Seu rosto revelava indizível tristeza, uma profundidade de angústia que o homem caído nunca compreendeu. Sentiu a marca acabrunhadora do pecado que inundava o mundo. Compreendeu a força do apetite satisfeito e da paixão ímpia que dominavam o mundo." — *The Review and Herald*, de 4 de ag. de 1874.

9. O FILHO IMACULADO SUPOU, COMO VICÁRIO, O CASTIGO DO PECADOR. — "Na expiação se fez justiça completa. No lugar do pecador, o imaculado Filho de Deus recebeu o castigo, e o pecador fica livre por todo o tempo que receba e retenha a Cristo como seu Salvador pessoal. Embora culpado, é considerado inocente. Cristo cumpriu cada requisito exigido pela justiça." — *The Youth's Instructor*, de 25 de abril de 1901.

10. A CULPA IMPUTADA OPRIMIA-LHE A ALMA DIVINA. — "Sendo inocente, sofreu o castigo da culpa. Embora inocente, ofereceu-Se como substituinte do transgressor. A culpa de cada pecado acabrunhava com seu fardo a alma divina do Redentor do mundo." — *The Signs of the Times*, de 5 de dez. de 1892.

11. A NATUREZA PECAMINOSA FOI IMPOSTA A NATUREZA IMPECÁVEL. — "Tomou sobre Sua natureza impecável nossa natureza pecaminosa, a fim de que soubesse como socorrer os que são tentados." — *Medical Ministry*, pág. 181.

V TENTADO EM TODOS OS PONTOS OU PRINCÍPIOS

1. EXPERIMENTOU TODA TENTAÇÃO, COMPREENDEU TODA DOR. — "Cristo somente teve experiência de todas as tristezas e tentações que recaem sobre os seres humanos. Jamais algum outro nascido de mulher foi tão terrivelmente assediado pela tentação; jamais algum outro arrostou com o fardo tão pesado dos pecados e das dores do mundo. Nunca houve algum outro cujas simpatias fôssem tão amplas e ternas. Como participante em todas as experiências da humanidade, Ele poderia não somente condoer-Se dos que se acham sobrecarregados, tentados e em lutas, mas partilhar-lhes os sofrimentos." — *Educação*, págs. 78 e 79.

2. DEUS SOFREU SOB A FORMA HUMANA. — "Deus estava em Cristo na forma humana, e suportou todas as tentações com que o homem foi açoitado; em nosso benefício participou do sofrimento e das provações da afligida natureza humana." — *The Watchman*, de 10 de dez. de 1907.

3. A TENTAÇÃO NÃO ACHOU ECO EM SEUS PENSAMENTOS NEM SENTIMENTOS.

— ‘Ele ‘como nós, em tudo foi tentado.’ Satanás estava pronto para assaltá-Lo a cada passo, lançando-Lhe suas tentações mais ferinas; ‘não come-teu pecado, nem na Sua bôca se achou engano.’ ‘Sendo tentado, *padeceu,*’ padeceu na proporção da perfeição de Sua santidade. Mas o príncipe das trevas nada achou nEle; *nem com o menor pensamento ou sentimento cedeu à tentação.*’ — *Testimonies*, Vol. V, pág. 422.

4. NA NATUREZA DIVINA NÃO HOUE LUGAR PARA A TENTAÇÃO. — “Eu quisera que pudéssemos compreender a significação das palavras ‘sendo tentado, padeceu.’ Se bem que *estivesse livre da contaminação do pecado*, a fina sensibilidade de Sua natureza sagrada tornava o contato com o mal indizivelmente doloroso para Ele. Não obstante, levando sobre Si a natureza humana, enfrentou cara a cara o arquiapóstata, e sem ajuda resistiu ao inimigo de Seu trono. *Nem mesmo em pensamento pôde Cristo ser induzido a ceder ao poder da tentação.* Satanás encontra nos corações humanos algum ponto em que possa firmar pé; algum desejo pecaminoso é acariciado, por meio do qual suas tentações lhe afirmam o poder. Mas, de Si mesmo, disse Cristo: ‘*Aproxima-se o príncipe deste mundo, e nada tem em Mim.*’ As tormentas da tentação desencadearam-se sobre Ele, mas não puderam induzi-Lo a apartar-Se de Sua fidelidade a Deus.” — *The Review and Herald*, 8 de nov. de 1887.

5. NÃO HOUE UMA ÚNICA RESPOSTA AS TENTAÇÕES SATANICAS. — “Compreendo que há perigo no abordar os temas que tratam da humanidade do Filho de Deus infinito. Ele Se humilhou a Si mesmo e tomou a forma humana, a fim de poder compreender a força de tôdas as tentações com que o homem é assaltado. *Em nenhuma única ocasião houve resposta às suas múltiplas tentações.* Nem uma só vez pisou Cristo o terreno de Satanás, para dar-lhe uma vantagem. Satanás não encontrou nEle nada que animasse seus ataques. *The S. D. A. Bible Commentary*, Vol. V, pág. 1129.

6. ACEITOU TODO O PASSIVO DA NATUREZA HUMANA. — “Pretendem muitos que era impossível Cristo ser vencido pela tentação. Neste caso, não teria sido colocado na posição de Adão; não poderia haver obtido a vitória que aquêle deixara de ganhar. Se tivéssemos, em certo sentido, um mais probante conflito do que teve Cristo, então Ele não estaria habilitado a nos socorrer. Mas nosso Salvador *revestiu-Se da humanidade com tôdas as contingências da mesma. Tomou a natureza do homem com a possibilidade de ceder à tentação.* Não temos de suportar coisa nenhuma que Ele não tenha sofrido. . . . Cristo venceu em favor do homem, pela resistência à severíssima prova. Exercitou, por amor de nós, um domínio de Si mesmo mais forte que a fome e a morte.” — *O Desejado de Tôdas as Nações*, pág. 82.

VI. CRISTO LEVOU SOBRE SI O PECADO E A CULPA DO MUNDO

1. LEVOU SOBRE SI A CULPA DO PECADO DO MUNDO. — “Cristo *levou sobre Si a culpa dos pecados do mundo.* Nossa suficiência encontra-se unicamente na encarnação e morte do Filho de Deus. Ele pôde sofrer porque era sustido

pela Divindade. *Pôde suportar porque não tinha mancha de deslealdade ou pecado.*” — *The Youth's Instructor*, de 4 de ag. de 1898.

2. LEVOU SOBRE SI AS DOENÇAS FÍSICAS DE UMA RAÇA DEGENERADA. — “Ele [Cristo] *tomou a natureza humana, e levou sobre Si as doenças e a degeneração da raça.*” — *The Review and Herald*, de 28 de julho de 1874.

3. ACEITOU O RESULTADO DEBILITADOR DA HERANÇA DE QUATRO MIL ANOS DE PECADO. — “Teria sido uma quase infinita humilhação para o Filho de Deus, revestir-Se da natureza humana mesmo quando Adão permanecia em seu estado de inocência, no Éden. Mas Jesus *aceitou a humanidade quando a raça havia sido enfraquecida por quatro mil anos de pecado.* Como qualquer filho de Adão, *aceitou os resultados da operação da grande lei da hereditariedade.* O que estes resultados foram, manifesta-se na história de Seus ancestrais terrestres. Veio com essa hereditariedade para partilhar de nossas dores e tentações, e dar-nos o exemplo *da uma vida impecável.*

“Satanás aborrecera a Cristo no Céu, por causa de Sua posição nas côrtes de Deus. Mais O aborreceu ainda quando se sentiu êle próprio destronado. Odiou Aquêle que Se empenhou em redimir uma raça de pecadores. Não obstante, ao mundo em que Satanás pretendia domínio, permitiu Deus que viesse Seu Filho, impotente criancinha, *sujeito à fraqueza da humanidade.* Permitiu que enfrentasse os perigos da vida em comum com tôda alma humana, combatesse o combate como qualquer filho da humanidade o tem de fazer, com risco de fracasso e ruína eterna.” — *O Desejado de Tôdas as Nações*, págs. 33 e 34.

4. ACEITOU AS INCURSÕES DA DEGENERAÇÃO FÍSICA E DA ENFERMIDADE. — “Maravilhosa combinação de homem e Deus! *Pôde suportar Sua natureza humana para anular as incurções da enfermidade e fazer fluir de Sua natureza divina para a humana vitalidade e vigor que não estava sujeito à corrupção: Humilhou-Se, porém, a Si mesmo e tomou a natureza humana. . . . Deus Se fez homem.*” — *The Review and Herald*, de 4 de set. de 1900.

5. VEIO DEPOIS DE QUATRO MIL ANOS DE ENFRAQUECIMENTO DA RAÇA. — “Cristo devia redimir, em nossa humanidade, a falha de Adão. *Quando êste fôra vencido pelo tentador, entretanto, não tinha sobre si nenhum dos efeitos do pecado.* Encontrava-Se na pujança da perfeita varonilidade, possuindo o pleno vigor da mente e do corpo. Achava-se circundado pelas glórias do Éden, e em comunhão diária com seres celestiais. *Não assim quanto a Jesus, quando penetrou no deserto para medir-Se com Satanás. Por quatro mil anos estivera a raça a decrescer em forças físicas, vigor mental e valor moral; e Cristo tomou sobre Si as fraquezas da humanidade degenerada.* Unicamente assim podia salvar o homem das profundezas de sua degradação.” — *O Desejado de Tôdas as Nações*, pág. 82.

6. FORAM-LHE IMPUTADOS OS PECADOS DE NOSSA NATUREZA PECADORA. — “O Filho de Deus, vestido com a roupagem da humanidade, *desceu ao nível daqueles a quem desejava salvar. Não havia nEle engano nem pecaminosidade; sempre foi puro e sem mancha; não obstante*

tomou sobre Si nossa natureza pecaminosa. Vestindo Sua divindade com humanidade para associar-Se com a humanidade caída, quis reaver para o homem aquilo que, por desobediência, Adão perdera para si e para o mundo. Em Seu próprio caráter revelou ao mundo o caráter de Deus." — *The Review and Herald*, de 15 de dez. de 1896.

7. A PERFEITA IMPECABILIDADE DA NATUREZA HUMANA. — "Não deveríamos abrigar dúvidas quanto à impecabilidade da natureza humana de Cristo." — *The Signs of the Times*, de 9 de jun. de 1898.

8. COMO UM DE NÓS, MAS SEM PECADO. — "Por amor de nós despiu Suas vestes reais, desceu do trono celestial, condescendeu em vestir Sua divindade com humanidade, e foi como um de nós, mas sem pecado, para que Sua vida e caráter fossem um modelo que todos imitassem, e assim pudessem ter o dom precioso da vida eterna." — *The Youth's Instructor*, de 20 de out. de 1886.

9. NASCEU SEM UMA MANCHA DE PECADO. — "Nasceu sem mancha de pecado, mas veio ao mundo de maneira igual à da família humana." — *Carta N.º 97*. (1898)

10. ANDOU COM INOCÊNCIA E PUREZA EM UM MUNDO DE PECADO. — "Inocente e incontaminado andava Ele entre os irrefletidos, os rudes, os descorteses." — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 63.

11. ASSUMIU A DETERIORAÇÃO, A POBREZA E A DEGRADAÇÃO. — "Cristo, que não conhecia a menor mancha de pecado ou contaminação, tomou nossa natureza em seu estado degradado. Esta foi uma humilhação maior do que pode o homem finito compreender. Deus Se manifestou na carne. Humilhou-Se a Si mesmo. Que tema para a meditação, para a profunda e fervente contemplação! Tão infinitamente elevada era a Majestade do Céu, e não obstante desceu tão baixo, sem perder um só átomo de Sua dignidade e glória. Desceu à pobreza e à humilhação mais profunda entre os homens." — *The Signs of the Times*, de 9 de junho de 1898.

12. A HUMILHAÇÃO QUE IMPLICA TOMAR A NATUREZA CAÍDA. — "Não obstante os pecados de um mundo criminoso serem postos sobre Cristo, não obstante a humilhação de tomar sobre Si nossa caída natureza, a voz do Céu declarou ser Ele o Filho do Eterno." — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 78.

13. RELACIONOU NOSSA NATUREZA CAÍDA COM SUA DIVINDADE. — "Embora não houvesse sobre Seu caráter mancha de pecado, condescendeu em relacionar nossa natureza humana caída com Sua divindade. Ao tomar a forma humana, honrou a humanidade. Havendo tomado nossa natureza humana, mostrou o que podia chegar a ser, se aceitasse a ampla providência que para ela fizera, e se fizesse participante da natureza divina." — *Instrução Especial Referente ao Escritório de Review and Herald*, e à *Obra em Baille Creek*, pág. 13, de 26 de maio de 1896.

14. SUJEITO A HUMILHANTE CONDIÇÃO DE SERVO. — "[Paulo] dirige a mente em primeiro lugar para a posição que Cristo ocupava no Céu, junto a Seu Pai; depois O apresenta despojando-Se de Sua glória, sujeitando-Se voluntariamente a todas

as condições humilhantes da natureza humana, assumindo as responsabilidades de um servo, e sendo obediente até à morte, a morte mais ignominiosa e repugnante, a mais vergonhosa, a mais angustiosa: a morte de cruz." — *Testimonies*, Vol. IV, pág. 458.

15. ACEITOU A FRAQUEZA, A HUMILHAÇÃO E O SOFRIMENTO. — "Os anjos prostraram-se diante d'Ele. Ofereceram sua vida. Jesus lhes disse que pela Sua morte salvaria a muitos; que a vida de um anjo não poderia pagar a dívida. Sua vida, unicamente, poderia ser aceita por Seu Pai como resgate pelo homem. Jesus também lhes disse que teriam uma parte a desempenhar — estar com Ele, e O fortalecer em várias ocasiões. Que Ele tomaria a natureza caída do homem, e Sua força não seria nem mesmo igual à deles. E seriam testemunhas de Sua humilhação e grandes sofrimentos." — *Test. Seletos*, Vol. II, pág. 43.

16. SUA VIDA SEM PECADO ATRAIU A IRA DO MUNDO. — "Em meio da impureza, Cristo manteve Sua pureza. Satanás não pôde manchá-Lo ou corrompê-Lo. Seu caráter revelava um completo ódio ao pecado. Foi Sua santidade que excitou contra Ele toda a paixão de um mundo corrompido; porque Sua vida perfeita constituía uma perpétua reprovação para o mundo, e manifestava o contraste entre a transgressão e a justiça pura e sem mancha de Alguém que não conhecia pecado." — *The S. D. A. Bible Commentary*, Vol. V, pág. 1142.

VII. A NATUREZA HUMANA DE CRISTO PERFEITAMENTE ISENTA DE PECADO

1. NÃO HÁ DÚVIDA NO TOCANTE A SUA PERFEITA IMPECABILIDADE. — "Não devemos abrigar dúvidas no tocante à natureza humana de Cristo perfeitamente isenta de pecado. Com fé esclarecida devemos olhar para Jesus com perfeita confiança, com plena fé no sacrifício propiciatório. Isto é essencial para que a alma não seja envolta pelas trevas. Este sagrado substituinte pode salvar perfeitamente; porque apresentou uma perfeita e completa humildade em Seu caráter humano perante o mundo maravilhado, e uma perfeita obediência a todos os reclamos divinos." — *The Signs of the Times*, de 9 de junho de 1898.

2. A NATUREZA HUMANA RETEVE A PUREZA DIVINA. — "Cristo, com Seu braço humano enlaçou a raça, e com seu braço divino apertou-Se ao trono do Infinito, unindo o homem finito com o Deus infinito. Transpôs o abismo que o pecado abria, e uniu a Terra ao Céu. Em Sua natureza humana manteve a pureza de Seu caráter divino." — *The Youth's Instructor*, de 2 de junho de 1898.

3. SEM AS PAIXÕES DE NOSSA NATUREZA CAÍDA. — "Não estava contaminado pela corrupção, era um estranho para o pecado; não obstante orava, e fazia-o amiúde com grande agonia e lágrimas. Orava por Seus discípulos e por Si próprio, e assim Se identificava com nossas necessidades e fraquezas, tão comuns à humanidade. Era um poderoso suplicante, sem as paixões de nossa natureza humana caída, mas cercado de fraquezas semelhantes, tentado em tudo, como nós. Jesus suportou a agonia que requeria ajuda e apoio de Seu Pai." — *Testimonies*, Vol. II, pág. 508.

4. SUA NATUREZA SEM PECADO EVITAVA O MAL. — “É um irmão em nossas fraquezas, mas não em possuir idênticas paixões. Sendo sem pecado, Sua natureza recuava do mal. Jesus suportou lutas, e torturas de alma, em um mundo de pecado. Sua humanidade tornava a oração necessidade e privilégio. Ele reclamava todo o mais forte apoio divino e o conforto que o Pai estava pronto a conceder-Lhe — a Ele que, em benefício do homem, havia deixado as alegrias do Céu, preferindo morar em um mundo frio e ingrato” — *Test. Sel.*, [Edição Mundial], Vol. I, págs. 220 e 221.

5. SUPREMA MANIFESTAÇÃO DE PUREZA INATA. — “Sua doutrina caía como a chuva; Sua palavra destilava como o orvalho. No caráter de Cristo estavam amalgamadas uma majestade que Deus nunca dantes manifestara perante o homem caído, e uma mansidão que o homem nunca apresentara. *Nunca dantes andara entre os homens alguém tão nobre, tão puro, tão bom, tão consciente de Sua natureza divina; não obstante tão simples, tão cheio de planos e propósitos para o bem da humanidade.* Conquanto aborrecesse o pecado, chorava de paixão pelo pecador. Não Se agradou a Si mesmo. A Majestade do Céu Se vestiu com a humanidade de uma criança. Tal é o caráter de Cristo.” — *Testimonies*, Vol. V, pág. 422.

6. NENHUM TRAÇO DE PECADO MACULOU A IMAGEM DE DEUS. — “A vida de Jesus estava em harmonia com Deus. Enquanto criança, pensava e falava como criança; mas nenhum traço de pecado desfigurava nEle a imagem divina. Não ficou, no entanto, isento de tentação... Jesus foi colocado num lugar em que Seu caráter devia ser provado. Era-Lhe necessário estar sempre em guarda, a fim de conservar Sua pureza. Estava sujeito a todos os conflitos que nós outros temos de enfrentar, para que nos pudesse servir de exemplo na infância, na juventude, na idade varonil.” — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 49.

7. EM SEU ESTADO HUMANO, CONSERVOU IMPECABILIDADE PERFEITA. — “Ao assumir a natureza do homem em seu estado caído, Cristo não participou de maneira alguma de seu pecado. Estava sujeito às fraquezas e às doenças que assaltam o homem, para que se cumprisse o que fôra dito pelo profeta Isaías, que disse: Ele tomou sobre Si as nossas enfermidades, e levou as nossas doenças.’ Comoveu-Se por nossas fraquezas e, como nós, em tudo foi tentado. Mas *‘não cometeu pecado.’* Era o Cordeiro *‘sem mancha e sem mácula.’* ... Não devemos abrigar dúvidas quanto à perfeita impecabilidade da natureza humana de Cristo.” — *The Signs of the Times*, de 9 de junho de 1898.

8. PERFEITO, SEM MANCHA E SEM CONTAMINAÇÃO. — “Cristo só pôde abrir o caminho, ao fazer uma oferta igual aos reclamos da lei divina. *Era perfeito e sem contaminação de pecado. Era imaculado e incontaminado.* A extensão das terríveis conseqüências do pecado nunca haveriam de ser conhecidas, e se o remédio provido não houvesse sido de valor infinito. A salvação do homem foi alcançada a custo tão imenso que os anjos se maravilharam, e não puderam compreender plenamente o mistério divino de que a Majestade do Céu, igual a Deus, tivesse que morrer pela raça rebelde.” — *The Spirit of Prophecy*, Vol. II, págs. 11 e 12.

9. HABITOU NO HUMANIDADE MAS SEM CONTAMINAÇÃO. — “O mesmo se dá quanto à lepra do pecado — profundamente arraigada, mortal e impossível de ser purificada por poder humano. *‘Tôda a cabeça está enfêrma e todo o coração fraco. Desde a planta do pé até à cabeça não há nêle coisa sã, senão feridas, e inchaços, e chagas podres.’* Mas *Jesus, vindo habitar na humanidade, não recebe nenhuma contaminação.* Sua presença tem virtude que cura o pecador.” — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 193.

10. PERSONIFICOU A PUREZA INFINITA E SEM MANCHA. — “Jesus contemplou um momento a cena — a trêmula vítima em sua vergonha, os mal encarados dignitários, destituídos da própria simpatia humana. *Seu espírito de imaculada pureza recuou do espetáculo.* Bem sabia para que fim Lhe fôra levado êsse caso. Lia o coração, e conhecia o caráter e a história da vida de cada um dos que se achavam em Sua presença. ... Os acusadores haviam sido derrotados. Então, rotas as vestes da pretendida santidade, ficaram, culpados e condenados, em presença da infinita pureza.” — *Idem*, págs. 345 e 346.

VIII. CRISTO RETÉM PARA SEMPRE A NATUREZA HUMANA

1. VINCULADO À HUMANIDADE POR UM LAÇO INDISSOLÚVEL. — “Baixando a tomar sobre Si a humanidade, Cristo revelou um caráter exatamente oposto ao de Satanás. ... *Ao tomar a nossa natureza, o Salvador ligou-Se à humanidade por um laço que jamais se partirá. Ele nos está ligado por tôda a eternidade.* ‘Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito.’ Não O deu somente para levar os nossos pecados e morrer em sacrifício por nós; *deu-O à raça caída.* Para nos assegurar Seu imutável conselho de paz, Deus deu Seu Filho unigênito a fim de que Se tornasse membro da família humana, *retendo para sempre Sua natureza humana.* Esse é o penhor de que Deus cumprirá Sua palavra. ‘Um Menino nos nasceu, um Filho se nos deu; e o principado está sobre os Seus ombros.’ Deus adotou a natureza humana na pessoa de Seu Filho, levando a mesma ao mais alto Céu.” — *Idem*, pág. 17.

Convencerá do Pecado

“A lei e o evangelho, revelados na Palavra, devem ser pregados ao povo; pois a lei e o evangelho combinados, convencerão do pecado. A lei de Deus, conquanto condene o pecado, aponta o evangelho, revelando a Jesus Cristo, em quem ‘habita corporalmente tôda a plenitude da Divindade.’ O esplendor do evangelho reflete sua luz sobre a era judaica, dando sentido a tôda a economia judaica de tipos e sombras. Assim, tanto a lei quanto o evangelho, estão amalgamados. Em nenhum sermão devem êles ser divorciados.” — *Manuscrito 21*, 1891.

Princípios e Objetivos

(Continuação da página 2)

cial para as tormentas da vida. Quando nos parece que tudo são trevas ao redor, os objetivos e princípios brilham sobre nós como a constelação do Cruzeiro do Sul, guiando-nos no caminho, orientando-nos e ajudando-nos a chegar ao porto são e salvos.

A vida sem princípios produz desalentos, tal como as nuvens que aparecem no céu durante uma seca, sem trazerem chuva. Obreiros adventistas, sejamos homens de princípios. Estamos agora em meados do ano 1957. Se ainda não adotamos os princípios e objetivos a seguir durante este ano, devemos fazê-lo agora. Se tomamos algumas resoluções no início do ano e fracassámos ao tratar de levá-las a cabo, devemos tornar a estudar com mais afinco nossos objetivos.

Em todos os aspectos de nossa vida, devemos preocupar-nos por estudar e reestudar os princípios que nos governam os atos. Na vida de cada um de nós há agentes que ajudam na formação dos princípios e objetivos. Um deles é a consulta com outras pessoas; outro, é a observação dos que estão ao nosso redor, com o fito de aprendermos de seus êxitos e fracassos. A Bíblia e os Testemunhos constituem outra grande fonte de princípios e objetivos para nossa vida. O poeta Longfellow escreveu a esse respeito alguma coisa interessante: "Muitas pessoas não permitem que seus princípios se enraizem, antes os arrancam de quando em quando, como fazem as crianças com as flores que plantaram, para ver se estão crescendo."

Os princípios e objetivos de nossa vida atuam em certo sentido como os freios de um automóvel. Muitas vezes se pensa que os freios de um carro não têm muita importância. Não obstante, esta idéia desvanece ao aparecer diante do carro algum obstáculo e termos que escolher entre frear de golpe ou sofrer um choque. Os princípios e objetivos firmes livram-nos do oportunismo, guiando-nos pela estrada do progresso. Guardam-nos na senda do trabalho e do esforço através dos anos e, finalmente, conduzem-nos ao êxito, ao passo que, sem princípios nem objetivos firmes, atuaríamos movidos pelas circunstâncias, o que nos levaria ao fracasso.

Os princípios e objetivos decididos dão-nos a resposta para muitas perguntas que de outra maneira ficariam sem constatação ou receberiam-na errada. Há certos princípios e objetivos básicos para nossa vida, e deles depende, em grande maneira, nosso êxito ou fracasso.

A adoção dos princípios e objetivos que irão governar a vida, proporciona-nos energia. O homem de princípios é progressista. Ter princípios e objetivos é como pisar no acelerador de um carro. Sabemos aonde vamos, e pisamos com pé firme no acelerador. Sem princípios decididos nos sentiríamos indecisos: não saberíamos se apertar o acelerador ou não, e a fatalidade do assunto é que acabaríamos por não apertá-lo.

Tendo princípios e objetivos definidos, não nos demoraremos na estrada para decidir o rumo a seguir. Os princípios e objetivos firmes dão-nos um poder que todos desejamos ter. Daniel possuía certos princípios básicos, e não encontramos na história da humanidade muitos homens como ele. Abraão

Notas e Notícias

◆ Foi compilado um novo hinário católico, romano, que conterá muitos hinos de origem católica, usados hoje somente pelos protestantes.

◆ Existem aproximadamente 71.500,00 luteranos no mundo, segundo os cálculos que aparecem no novo Manual compilado em Gênova, pela Federação Luterana Mundial.

◆ As efígies de 259 papas da história da Igreja Católica, Romana, aparecerão individualmente nos selos postais que a República do Panamá emitirá nos próximos oito anos, segundo anunciou na cidade de Panamá o Ministério do Governo e Justiça.

◆ UMA expedição integrada por arqueólogos norte-americanos partiu de Berkeley, Califórnia, em busca da antiga cidade bíblica de Gibeom, com a esperança de projetar nova luz sobre a conquista da Palestina, realizada por Josué. Gibeom figura quarenta e três vezes no relato bíblico.

◆ CONVENCIDO de que os negociantes devem fazer mais em prol da igreja, Hank Dyer entregou à igreja seu Pôsto le Serviço em Bastow, Califórnia, a fim de que o explorassem durante toda uma semana. O pastor L. E. Dasher e numerosos diáconos e anciãos acionaram as bombas de gasolina, repararam amolgaduras, lubrificaram autos e mantiveram em serviço o Pôsto durante as vinte e quatro horas do dia. Dyer praticamente "desapareceu" toda a semana. Calculou êle que os irmãos haviam vendido uns 19.000 litros de combustível, e que o lucro obtido desta e de outras vendas atingira 500 dólares.

◆ SEGUNDO o Anuário Oficial Católico de 1955, os Católicos Romanos nos Estados Unidos e seus Territórios somam agora 32.575.702, ou seja, um aumento de 927.278 sobre o ano passado. Esse número representa um aumento de 8.612.031 em dez anos. Existe agora uma população católica de 15.280.263 em 26 arquidioceses, e 17.295.439 em 106 dioceses (inclusive o Vicariato do Alasca). Em nove anos consecutivos, o número de batismos de adultos, convertos ao Catolicismo, atingiu os 100.000. Os convertos somaram 137.310 em 1954, elevando o total da última década para 1.160.054. — *The Watchman Examiner*, de 23 de junho de 1955. pág. 595.

teve o objetivo de ir a Canaã, e dêle registra a Escritura: "E saíram para irem à terra de Canaã; e vieram à terra de Canaã." (Gên. 12:5.) São Paulo, em sua experiência de obreiro cristão, adotou princípios e objetivos que não apenas lhe serviram a êle, mas são úteis para nós e foram-no através dos séculos. Nos tempos em que vivemos, tão cheios de confusão, é de especial importância ter princípios e objetivos firmes que nos governem a vida e a obra.